

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações
Étnico-Raciais no Ensino Básico

Bruno Rodrigues Pimentel

“ORIXÁS, CABLOCOS E GUIAS”:

Intolerância e racismo religioso na construção de Edir Macedo

Rio de Janeiro
2019



Bruno Rodrigues Pimentel

“ORIXÁS, CABLOCOS E GUIAS”:

Intolerância e racismo religioso na construção de Edir Macedo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico- Raciais no Ensino Básico.

Orientador (a) Professor (a) M.^a Suelen Siqueira
Julio

Rio de Janeiro

2019

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

P376 Pimentel, Bruno Rodrigues

“Orixás, cablocos e guias”: intolerância e racismo religioso na construção de
Edir Macedo / Bruno Rodrigues Pimentel. – Rio de Janeiro, 2018.

57 f.

Trabalho de conclusão de curso (Educação das Relações Étnico-Raciais no
Ensino Básico) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Suelen Siqueira Julio.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Intolerância religiosa -
Brasil. 3. Religião - Brasil. 4. Edir Macedo. I. Julio, Suelen Siqueira. II. Título.
CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Bruno Rodrigues Pimentel

“ORIXÁS, CABLOCOS E GUIAS”:

Intolerância e racismo religioso na construção de Edir Macedo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das relações Étnico-Raciais na Educação Básica.

Aprovado em: ____/____/____.

M.^a Suelen Siqueira Julio (Orientadora)
Colégio Pedro II

Osmar Soares as Silva Filho
Colégio Pedro II

Carolina Mary Medeiros
Colégio Pedro II

Arthur José Baptista
Colégio Pedro II

Rafael Lima Alves de Souza
Colégio Pedro II

A mãe Gilda de Ogum, fundadora do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã (BA), que em 2000 foi atacada dentro do terreiro e o trauma contribuiu para os problemas cardíacos que levaram à morte. O dia de sua morte, 21 de janeiro, se tornou o Dia Nacional de Combate à Intolerância religiosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que me deu suporte e apoio afetivo para o desenvolvimento desta pesquisa. Sem ela, certamente, teria sido muito mais difícil concluir esse trabalho. Em especial agradeço a minha mãe, Lenilda Conceição Rodrigues, mulher negra e periférica que embora não tenha tido a oportunidade de concluir o ensino básico, desde sempre, me transmitiu a importância e o valor de se dedicar aos estudos. Ela sempre se esforçou e trabalhou muito para permitir que eu e meus irmãos pudéssemos ter as oportunidades que ela nunca teve. Muito obrigado, mãe!

Agradeço também aos meus sobrinhos, Lucas, Lorena, Ana Vitoria e Bernardo que, sem saber, me motivaram a fazer o curso de Educação das Relações Étnico- Raciais no Ensino Básico. Eles me motivaram a buscar respostas para as questões raciais que nos afetam nessa sociedade racista e preconceituosa.

Agradeço ao meu namorado, Carlos Augusto Saadi, por ter me motivado, incentivado e ouvido ao longo desse ano de muito aprendizado. Muito obrigado pela paciência, amor e carinho.

Agradeço a todos os professores do EREREBÁ pelo empenho em construir um espaço tão importante de aprendizado e troca de conhecimento. Agradeço pela oportunidade de participar de discussões que contribuíram substancialmente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Em especial agradeço a Suelen Siqueira Julio, orientadora deste trabalho. Obrigado pela sua atenção e solicitude em me ajudar a encontrar caminhos para desenvolver essa pesquisa. Agradeço por suas dicas, sugestões e críticas.

Obrigado aos colegas que dividiram suas experiências e conhecimentos ao longo do curso. Em especial agradeço a Amanda Ramos, amiga de longa data que tive também o prazer de ser colega de curso. Obrigado por ter me motivado todas as vezes que pensei em desistir do curso, por conta da falta de tempo, cansaço e distância entre São Gonçalo, cidade onde resido, e Centro do Rio. Obrigado pelas caronas e conversas.

*Eu tenho zumbi, besouro o chefe dos tupis
Sou tupinambá, tenho erês, caboclo boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares
Zarabatanas, curarês, flechas e altares.*

Maria Bethânia, Carta de Amor.

RESUMO

PIMENTEL, Bruno Rodrigues. “**ORIXÁS, CABLOCOS E GUIAS**”: Intolerância religiosa na construção de Edir Macedo. 2019. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica - EREREBÁ) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho tem como objetivo analisar o livro “*Orixás, Guias e Caboclos: deuses ou demônios?*” de Edir Macedo. Para isso, recorreremos ao conceito de representação, refletiremos sobre o contexto em que a obra foi desenvolvida, consideraremos momentos da trajetória do autor e alguns aspectos característicos da Igreja Universal do Reino de Deus. Veremos que as representações construídas por Macedo disseminam uma visão preconceituosa e racista dos aspectos materiais e simbólicos das religiões afro-brasileiras. Veremos que a Obra de Macedo reflete os desdobramentos sócio-histórico-político de fatores que estão associados às origens da colonização portuguesa na América, onde o colono branco priorizou a exploração mercantil e do trabalho dos negros e indígenas, considerados inferiores por eles. Neste processo as crenças e os ritos desses povos foram igualmente considerados inferiores e passaram a ser demonizados e associados à ideia de magia, bruxaria e feitiçaria. Por isso, o pensamento de que essas crenças causam malefícios por meio de forças ocultas, sobrenaturais e, por vezes, demoníacas é frequente. As ideias desenvolvidas por Edir Macedo promovem a intolerância religiosa e estão fundamentadas em teorias racistas que remontam ao período colonial, mas que não ficaram restritas a esse espaço de tempo.

Palavras-chave: Intolerância Religiosa; Neopentecostalismo; Edir Macedo.

ABSTRACT

PIMENTEL, Bruno Rodrigues. “ORIXÁS, CABLOCOS E GUIAS”: Intolerância religiosa na construção de Edir Macedo. 2019. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais na educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

This monography aims to analyze the book "*Orixás, Guias e Caboclos: deuses ou demônios?*" By Edir Macedo. To do this, we will use the concept of representation, reflect on the context in which the book was developed, consider moments of the trajectory of the author and some aspects characteristic of the Igreja Universal do Reino de Deus. We will see that the representations constructed by Macedo disseminate a prejudiced and racist view of the material and symbolic aspects of the Afro-Brazilian religions. We will see that Macedo's work reflects the socio-historical-political developments of factors that are associated with the origins of Portuguese colonization in America, where the white colonist prioritized the mercantile exploitation and the work of the blacks and Indians, considered inferior by them. In this process the beliefs and rites of these peoples were equally considered inferior and became demonized and associated with the idea of magic and witchcraft. Therefore, the thought that these beliefs cause evil by means of supernatural and demonic forces is frequent. The ideas developed by Edir Macedo promote religious intolerance and are based on racist theories that go back to the colonial period but were not restricted to this time.

Keywords: Religious Intolerance; Neopentecostalism, Edir Macedo

Sumário

PRÓLOGO.....	11
1. INTRODUÇÃO	15
2. PENTECOSTALISMO, EDIR MACEDO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	18
2.1 O CRESCIMENTO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS	18
2.2 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O BISPO EDIR MACEDO	23
2.3 AÇÃO CIVIL PÚBLICA CONTRA A VENDA DO LIVRO	29
3. A REPRESENTAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO LIVRO “ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMÔNIOS?”.....	33
3.1 CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO	33
3.2 ANÁLISE DO LIVRO	35
4. CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS	54

PRÓLOGO

Neste trabalho me propus analisar a 18ª edição do livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* de autoria do bispo Edir Macedo, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus. No entanto, antes de seguir o meu propósito considerei importante discorrer sobre três fatos. As experiências que serão narradas evidenciarão o motivo da análise ser desenvolvida justamente sobre esse livro e abordará ideias sobre os assuntos que vão ser desenvolvidos no decorrer do trabalho.

No último dia de março de 2015 eu defendi minha dissertação de mestrado intitulada *As representações do universo mítico do candomblé pela perspectiva de Carybé* (PIMENTEL, 2015). Carybé¹ é um artista plástico argentino que radicou-se na Bahia e desenvolveu, até o fim de sua vida, obras sobre a cultura negra baiana, com destaque para os aspectos religiosos, sobretudo o candomblé. Foi justamente neste contexto que soube da existência do livro, já citado, do Bispo Edir Macedo.

No fim de semana seguinte a minha defesa, meu pai me entregou um livro que minha tia, uma de suas irmãs, que não tenho uma relação de proximidade, pediu para que ele me entregasse. Assim, tive o primeiro contato com o livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*. Ler o título e parte do prefácio foi suficiente para inferir do que tratava-se aquela obra. Na ocasião me senti ofendido e desrespeitado por ter recebido aquele presente.

Compreendi que ela, integrante da Igreja Universal do Reino de Deus, tinha me enviado o livro porque, de alguma maneira, ficou sabendo do tema que desenvolvi na pesquisa de mestrado. Embora eu não tenha nenhuma religião ou siga alguma crença religiosa, o fato dela ter me enviado esse livro me afetou. Nunca a agradei pelo presente ou sequer falei disso com qualquer pessoa da família, mas decidi guardar o livro na

¹ Hector Julio Páride Bernabó, que usava o pseudônimo Carybé, nasceu em Lanús-Argentina em 1911 e morreu na cidade de Salvador em 1997. Após passar parte de sua infância na Itália, Carybé veio para o Rio de Janeiro com sua família em busca de melhores condições de vida, tendo em vista as dificuldades econômicas que a Europa do pós-guerra enfrentava. Em 1928, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1929 Carybé interrompeu os estudos na ENBA para voltar para a Argentina com a sua família. A primeira viagem de Carybé a Salvador ocorreu em 1938 e nesta ocasião ele permaneceu na cidade por seis meses. Na década de 1940 Carybé realizou mais duas viagens à cidade de Salvador e tornaram-se inevitáveis as suas representações dos ritos do candomblé, das feitas populares, da capoeira, do samba, dos mercados, dos casarões do Pelourinho, entre outras coisas. As experiências que este artista foi adquirindo e a proximidade com esse universo fez com que ele se apaixonasse pela cidade de Salvador. Em 1950 ele foi morar definitivamente na Bahia.

esperança de que um dia iria escrever algo sobre ele, até que me veio a ideia de desenvolver uma análise dessa obra como trabalho de conclusão da Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (EREREBÁ).

Após fazer uma leitura crítica da obra pude compreender o motivo da minha tia ter me presenteado justamente naquele momento com este livro. O discurso construído na obra, como veremos com detalhes no decorrer do trabalho, por meio das representações preconceituosas, racistas, eurocêntricas e estereotipadas transformam o candomblé, a umbanda, a quimbanda e o espiritismo em falsas religiões que, na verdade são estrategicamente comandadas pelos demônios, que se aproveitam das pessoas com o propósito de acabar, literalmente, com as suas vidas. A minha tia conhecia esse discurso, não somente pela leitura do livro, mas por frequentar assiduamente a IURD por mais de 15 anos. Ela acreditava que estava me ajudando disseminando as supostas verdades sobre as “manobras satânicas através das práticas de macumbaria e feitiçaria”, pois o livro diz evidenciar “as verdadeiras intenções dos demônios, que se fazem passar por orixás, exus e eres, dentre outras entidades das seitas afro-brasileiras e similares” (MACEDO, 2014, p.12) e ensina a fórmula para que as pessoas consigam se “libertar do mal” que tenta dominá-las.

Deste modo, a minha tia, além de estar colocando em prática o forte proselitismo característico da IURD, estava cumprindo o papel que deveria cumprir dentro da lógica desenvolvida pelo líder da Igreja e autor do livro. Ela acreditava que ao ler a obra eu compreenderia as “verdades” sobre aquelas “falsas religiões”, já que para desenvolver a pesquisa de mestrado eu participei de festas públicas e privadas e visitei diferentes terreiros na cidade de Salvador e na cidade de São Gonçalo, RJ. Sendo assim, de acordo com a construção de Edir Macedo eu estava sob as influências das potestades malignas, estava sob as influências e ilusões do mal.

No livro, o autor tem o objetivo de ganhar “almas para Jesus”. No antagonismo existente entre o bem e o mal, as religiões afro-brasileiras são representadas como pertencentes ao lado maligno e a IURD e os “verdadeiros cristãos” são representados como integrantes do caminho correto. Assim, tudo que está associado às religiões de matrizes africanas é demonizado.

Já em 2018, a escola em que leciono desenvolveu um projeto relacionado a Copa do Mundo FIFA 2018. Os alunos deveriam expor trabalhos sobre os países participantes do mundial. Na véspera do trabalho eu estava ajudando alguns alunos e durante uma conversa um deles pediu para eu não falar que estava bolado (gíria usada por mim durante

a conversa). A palavra “bolado” geralmente é uma expressão usada para demonstrar indignação, decepção e eu usei com esse objetivo naquela ocasião. Perguntei o motivo daquele pedido para que eu não usasse essa palavra e ele respondeu que o pastor dele tinha dito que isso era uma invocação ao demônio. Por curiosidade, fiz perguntas sobre por que a palavra “bolado” era uma invocação do diabo, mas ele não soube responder, embora estivesse convicto daquilo.

No momento eu estava muito ocupado, atendendo vários alunos. Mas não parei de pensar na conversa que tive com esse rapaz. Eu realmente queria entender o motivo da palavra “bolado” ser a invocação do diabo, de acordo com ele. Depois de muito pensar lembrei-me que “bolar” ou “bolar para o santo” nos cultos do candomblé (CACCIATORE, 1977, p. 68) é quando uma pessoa que ainda não é iniciada entre em transe pela primeira vez. Esse fato geralmente acontece quando estão sendo entoados cânticos aos orixás. Daí eu entendi a relação estabelecida entre incorporar um orixá não sendo iniciado com a invocação do demônio. Era uma visão preconceituosa e etnocêntrica. Onde uma divindade era associada ao demônio, símbolo do mal no cristianismo. Esse é um exemplo de como aspectos das religiões afro-brasileiras são demonizadas e estigmatizadas pelas Igrejas pentecostais e neopentecostais.

O terceiro fato aconteceu no início deste ano, 2019, quando já estava desenvolvendo este trabalho. Leciono história para uma turma do primeiro ano do Ensino Médio em um Colégio Estadual. O currículo mínimo do Estado diz que no primeiro bimestre as aulas de história, para esse ano, devem discorrer, respectivamente, sobre o fato de que a transmissão do conhecimento não é neutra e que todos somos agentes da História, civilização greco-romana e história feudal.

Quando estava dando as aulas sobre a civilização grega estabeleci paralelos com os egípcios e os iorubás. O propósito era mostrar a importância e a contribuição também dos povos africanos (BRASIL, 2008), uma tentativa de deseuropeizar um pouco o currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro, de acordo com a Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Quando eu falei das divindades egípcias e iorubas alguns alunos não gostaram. Dois deles pediram para sair da sala. Disseram que não queriam ficar ali. Percebi imediatamente que isso tinha relação com o tema que eu estava desenvolvendo. Quando a aula acabou eu ouvi esses alunos conversando entre eles dizendo que os deuses (Orixás) que eu falei durante a aula eram demônios.

Cerca de duas semanas depois a mãe, missionária de uma igreja neopentecostal, de um desses alunos foi ao Colégio, pois o seu filho tinha desrespeitado uma professora.

Ela aproveitou que estava lá e reclamou que o professor de história estava ensinando religião durante as aulas e que isso não poderia acontecer. Fui chamado para conversar com ela. Ela disse que eu não era professor de religião, portanto era errado eu falar de religião durante as minhas aulas. Ela falava de uma maneira como se eu estivesse tentando impor alguma crença ao filho dela e isso me preocupou. Ela afirmou, inclusive que outros alunos confirmaram a reclamação do seu filho.

Expliquei que meu plano de curso estava de acordo com o currículo mínimo da SEEDUC-RJ e com a Lei 11.645/08. Disse que ela podia solicitar uma cópia do meu plano de curso e verificar. Caso não estivesse de acordo ela poderia reclamar na Secretaria de Educação. Expliquei a ela que eu não dou aulas dos temas que eu quero, mostrei que eu sigo diretrizes curriculares e essas diretrizes não são feitas por mim.

Na verdade, aquela reclamação estava acontecendo não pelo fato de eu ter falado sobre religião durante minha aula, mas por ter falado sobre uma religião que é estigmatizada e demonizada em nossa sociedade. Quando eu dava essas aulas falando apenas das divindades gregas eu não recebia reclamação dos responsáveis dos alunos por estar falando sobre religião durante a aula.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho inicial é analisar o livro *Orixás, Guias e Caboclos: deuses ou demônios* de Edir Macedo. O objetivo é compreender e refletir, por meio da análise, o discurso construído e disseminado pelo bispo Macedo sobre os aspectos materiais e simbólicos dos sistemas religiosos afro-brasileiros, sobretudo umbandista e candomblecista.

Para alcançar tal proposta consideramos relevante levar em consideração, no decorrer da pesquisa, parte da trajetória individual do bispo Edir Macedo, a sua fundação e liderança da Igreja Universal do Reino de Deus. A obra foi desenvolvida em um contexto específico e considerar esse momento é importante para desenvolver uma boa análise da obra. Esses temas são desenvolvidos na primeira parte do trabalho.

Como esta pesquisa se desdobrará, sobretudo, no âmbito cultural e social, o livro *A escrita da história: novas perspectivas* (BURKE, 1992), organizado por Peter Burke, contribuiu com o arcabouço teórico para desenvolvimento deste trabalho. Burke discorreu sobre a nova história que é associada à historiografia da *École des Annales*, que trouxe diversas renovações para a escrita da história, que anteriormente se preocupava apenas com a história política. Ele demonstrou que a nova história se interessou por todas as áreas que estão ligadas ao ser humano e, por isso, surgiu a expressão “história total”, que agora se fundamenta nas questões provenientes do âmbito social e cultural.

Burke, assim como Fernand Braudel (BRAUDEL, 1978), falou das apropriações que a história faz das descobertas das áreas antropológicas, econômicas, psicológicas e sociológicas. Deste modo, o autor diz que a partir do rompimento com o paradigma tradicional houve diversas mudanças no modo de se conceber a história e, conseqüentemente, surgem novos problemas de definição, como por exemplo: os das fontes, métodos e explicação. Segundo ele, com a nova história, os historiadores começaram a fazer novas perguntas e, assim, tiveram que buscar novas fontes para obter essas respostas.

Como expõe Burke (2004), nos últimos tempos os historiadores têm ampliado

seus interesses e não seria possível desenvolver os campos relativamente novos, que resultam dessa ampliação, se eles tivessem se limitado às fontes tradicionais. É justamente essa ampliação das fontes que possibilitou a realização da pesquisa aqui proposta, pois nossa fonte, que será analisada, conquistou o seu lugar, enquanto evidência histórica, ao lado das documentações tradicionais.

Cabe ressaltar que o termo “representação” é importante para esse trabalho, pois analisaremos a construção desenvolvida, por Edir Macedo, no livro intitulado “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” e isso é um exemplo de uma abordagem resultante do alargamento das temáticas trabalhadas no campo da história. O conceito de representação irá pressupor significados e valores que estão de acordo com as proposições desenvolvidas por Roger Chartier (1991) e Bourdieu (1996).

A noção de representação nos ajudará a compreender a construção contida no discurso do bispo Macedo. Mas, para isso, consideraremos, na primeira parte do trabalho que a obra foi desenvolvida em um determinado contexto socio-histórico-cultural, por isso, analisaremos as características do movimento pentecostal e neopentecostal no Brasil; momentos da trajetória de Edir Macedo e características da IURD.

Na segunda parte do trabalho, veremos que as representações construídas por Edir Macedo disseminam uma visão etnocêntrica, estereotipada, preconceituosa, limitada e racista. Na visão difundida, Orixás, Guias e Caboclos são associados ao mal do cristianismo. Ele disseminou, no decorrer de sua narrativa, uma verdadeira demonização não só das divindades e entidades, mas também de aspectos rituais e cerimoniais característicos do candomblé e da umbanda. Ao associar essas crenças ao mal/demônio ele promoveu, no seu discurso, o pensamento de que elas devem ser combatidas, pois são vistas como “investidas do mal” e o “povo de Deus” não pode se deixar enganar pelas “artimanhas do diabo”.

Na sua narrativa o desemprego, a miséria, a falta de acesso a bens de consumo, as dívidas, os relacionamentos conturbados, os conflitos no trabalho, o alcoolismo, a dependência química, algumas doenças, a prostituição, a homossexualidade ou qualquer comportamento e/ou estilo de vida que fuja da moral cristã são atribuídos ao mal/diabo. O mal/diabo aparecem na narrativa do Bispo Edir Macedo como sendo sinônimos de Orixás, Guias e Caboclos. Seguindo a lógica, eles seriam os causadores dos problemas ou dos “desvios morais” que, por sua vez, causam os males que afetam a nossa sociedade. O autor apresenta alternativas para que as pessoas consigam se livrar do “mal” e sua

narrativa é desenvolvida em tom de alerta. Como se as pessoas adeptas do candomblé e da umbanda estivessem sendo enganadas pelo diabo, pelo demônio. Veremos também que esse discurso reflete os desdobramentos socio-histórico-político-social da supremacia branca/cristã.

2. PENTECOSTALISMO, EDIR MACEDO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

2.1. O crescimento das igrejas evangélicas pentecostais

De acordo com Cristina Vidal da Cunha o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais é um fenômeno mundial que ganhou destaque a partir da década de 1960. O mapeamento do crescimento das igrejas pentecostais, “sobretudo nos países do chamado terceiro mundo, aponta para possíveis relações entre esse fenômeno e a desigualdade e vulnerabilidades sociais” (CUNHA, 2015, p. 185). Segundo a chave de leitura da autora, o pentecostalismo é um movimento religioso com um maior crescimento e mais consolidado onde os contextos de precariedade político-social são mais numerosos. Ela ressaltou que embora algumas análises destaquem que nos últimos anos esse movimento religioso ganhou a participação de integrantes de segmentos mais abastados, ainda hoje, a maioria que o integra é composta por pessoas vulneráveis econômica e socialmente.

Os países em desenvolvimento são aqueles que apresentam o maior número de conversões, nesses locais ocorre o surgimento de diferentes denominações e templos evangélicos pentecostais. Já nos países desenvolvidos o número de evangélicos tende a crescer nos bairros de imigrantes, nos “territórios da pobreza”, nas áreas mais periféricas, onde as pessoas são mais vulneráveis.

Sobre o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil, um ponto relevante que merece destaque é o grande investimento das igrejas pentecostais nas cidades, que receberam atenção na pregação e difusão da fé. Isso pode ser explicado pela perspectiva de que o ambiente urbano é um meio hostil, onde o Mal deveria ser combatido em incessantes e intensas batalhas diárias e para isso os adeptos e líderes devem estar preparados, ou seja, “em oração”. O discurso de que o mal deveria ser constantemente combatido ganhou destaque nos centros urbanos, onde o desemprego, a violência e a pobreza são flagrantes. No ponto de vista dos pentecostais, as desordens, o padecimento, os problemas sociais e econômicos decorrem da ação contínua dos demônios, que como veremos, são comumente associados, em alguns casos, a seres espirituais das religiões

afro-brasileiras. Nas cidades o mal pode ser percebido em diferentes âmbitos e, por isso, os fiéis devem estar atentos e preparados para lutar e vencer a batalha contra o mal, que por sua vez deve ser derrotado.

Cunha destacou na sua análise outros pontos importantes para compreender o crescimento das igrejas pentecostais nas regiões periféricas, sobretudo nas favelas, pois esse é o seu recorte de análise. Ela destacou a empatia existente entre as lideranças religiosas pentecostais e os fiéis, que em muitas ocasiões compartilham ou já compartilharam a mesma vulnerabilidade socioeconômica, experimentam ou já experimentaram, em muito casos, uma vida similar. “Os pastores evangélicos casam, têm filhos, muitos deles moram na mesma favela ou moram em outras favelas e bairros periféricos da cidade” (CUNHA, 2015, p. 187-188), isso possibilita que eles construam discursos próximos dos conflitos vividos pelos fiéis, resultando em uma maior identificação e afinidade.

Os horários dos cultos das igrejas pentecostais também facilitam a frequência dos fiéis. Muitas denominações têm diferentes opções de horários para a realização dos seus cultos. O acolhimento que acontece pelo grupo também é importante, pois promove a solidariedade e uma sensação de segurança para pessoas que, em sua maioria, têm um nível de segurança baixo nas instituições e nas outras pessoas por conta dos problemas cotidianamente enfrentados nos seus distintos contextos de subalternidade.

Deste modo, a tabela que segue, pode evidenciar o crescimento do número de evangélicos no Brasil e diminuição do número de católicos de acordo com os censos realizados pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística. A tabela está em consonância com a análise de Cunha, que defende e explica o crescimento das igrejas pentecostais, sobretudo, a partir da década de 1960, no Brasil e no mundo.

Gráfico 1 - Religiões no Brasil

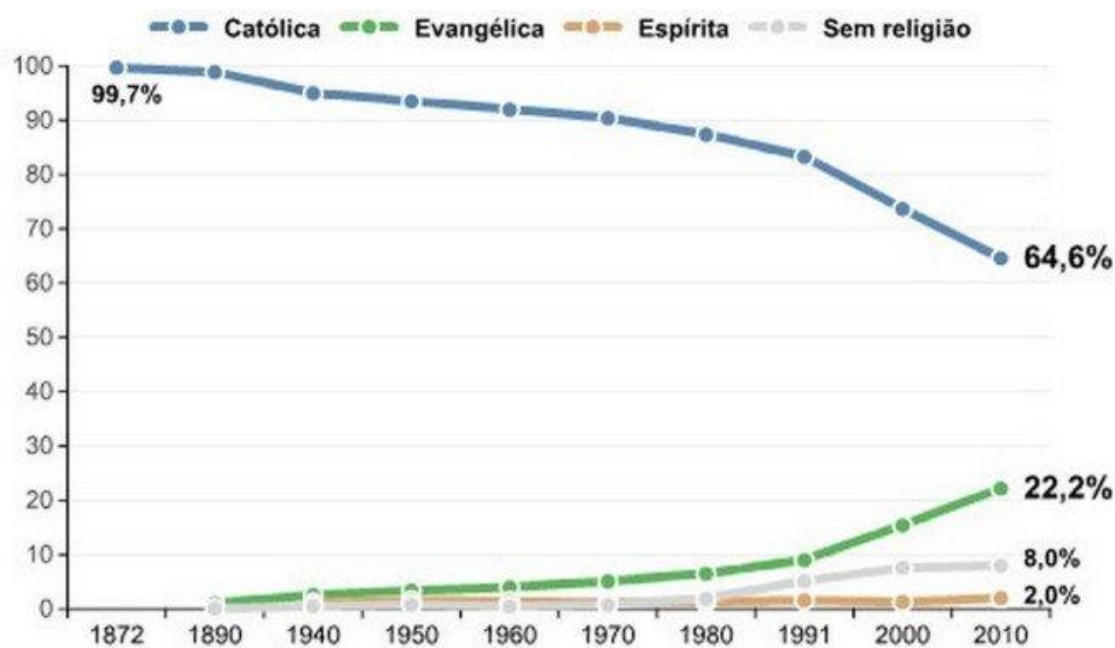


Gráfico retirado do site “oglogo.globo.com”.

Em 1970, de acordo com o IBGE, 91,8% dos brasileiros eram católicos, em 2010 essa fatia passou para 64,6%. O número de evangélicos foi o que mais cresceu entre 1970 e 2010. Saltando de 5,2% da população em 1970 para 22,2% da população em 2010. A população brasileira durante esse mesmo período cresceu de 93.134.846 em 1970 para 190.755.799 em 2010. De acordo com Reginaldo Azevedo, o aumento do número de evangélicos foi impulsionado pelos pentecostais, que se disseminaram pelo país na esteira das migrações internas. Ainda de acordo com ele, a população, que se deslocou, era sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica². O jornalista, além de mencionar os fluxos migratórios da população que saiu das áreas rurais e pequenas cidades para os grandes centros urbanos, também discorreu sobre o crescimento da favelização nos anos 80 e 90. Ele indicou que a vulnerabilidade das pessoas residentes nesses locais contribuiu para a expansão do número de evangélicos pentecostais.

Sobre esse aspecto, Cunha defendeu que as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais gerando ajuda mútua com o estabelecimento de relações de confiança. As redes de apoio preferencial aos “irmãos”

² Consultado no site <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>, em 29 de março de 2019.

desenvolvidas pelas “obras sociais” dessas igrejas são coesas, inclusivas, mas ao mesmo tempo que essas redes de apoio incluem também podem excluir quem não pertence ao grupo (CUNHA, 2015, p. 190).

Distribuição percentual das pessoas, segundo filiações religiosas, por data de pesquisa
Brasil: ago/1994 a dez/2016

Categorias	ago/94	out/01	out/06	out/10	dez/16
Católicos	75	62	68	63	50
Evangélicos	14	21	20	24	29
Sem-religião	5	7	5	6	14
Outros	6	10	7	7	7
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Datafolha <http://datafolha.folha.com.br/>

3

Os dados acima resultam de pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisas Datafolha entre agosto de 1994 e dezembro de 2016. Os dados demonstram que o percentual de evangélicos continua crescendo e que o percentual de católicos permanece declinando. Mas, além disso, os dados também indicam que ocorreu um salto significativo no percentual de pessoas sem-religião.

De acordo com Gerson Leite Morais:

(...) o Pentecostalismo surgido no início do século XX nos EUA foi transplantado para a realidade brasileira e acabou conseguindo seu espaço no subcampo religioso protestante, e conseguindo notoriedade no campo religioso brasileiro. Um questionamento recorrente entre os estudiosos da religiosidade brasileira é entender o porquê de o Pentecostalismo ter esse poder de atração e de conquista de novos fiéis (MORAES, 2010, p. 10).

Já vimos alguns indícios, por meio da análise desenvolvida por Cunha, do poder de atração do pentecostalismo citado por Morais. O movimento Pentecostal tem sua mensagem evangélica facilmente assimilada e querida pelas classes mais populares, uma vez que, em sua maioria, usam uma linguagem mais simples e trazem uma mensagem mais direta para os problemas reais que as comunidades passam. Ao invés de aprofundarem-se em exortações com base em estudos teológicos profundos, a maioria das igrejas pentecostais faz seus cultos com louvores e pregações motivacionais, bem como

³ Tabela retirada do site <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564083-a-transicao-religiosa-em-ritmo-acelerado-no-brasil>, em 29 de março de 2019.

cultos de cura e libertação, visando trazer algum refrigério para as pessoas que estão em diversas crises financeiras, psicológicas e espirituais. Ou seja, as igrejas pentecostais além de trazerem uma linguagem mais acessível, também estão mais ligadas as questões da vida prática dos fiéis.

No Brasil, o Pentecostalismo foi dividido pelos estudiosos em três períodos, que também são conhecidos como ondas. A primeira onda compreende o período a partir de 1910-1911 com a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus, respectivamente. A segunda onda (Deuteropentecostalismo) começa na década de 50 e início da década de 60, com o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. A terceira onda surge a partir do final da década de 70, com a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, a Igreja Apostólica Fonte de Vida, a Comunidade Cristã Paz e Vida, a Igreja Batista Nova Jerusalém e outras que integram o que ficou conhecido como movimento Neopentecostal. Esse é considerado um movimento sectário do evangelicalismo que congrega denominações do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, presbiterianos, metodistas).

No entanto, é necessário considerar que:

O Pentecostalismo implantado no início do século XX no Brasil é a base religiosa que permitiu o nascimento de uma gama enorme de diferentes pentecostalismos e, no início do século XXI, verifica-se a coexistência das três ondas pentecostais no tempo e no espaço. As igrejas oriundas dessas ondas estão experimentando uma convivência em que as diferenças se diluem e tornam-se muito tênues. As igrejas de primeira, segunda e terceira onda trocam experiências, práticas litúrgicas e doutrinárias, principalmente graças ao alcance do poder midiático; classificá-las, pois, como grupos estanques, é um equívoco. Como costuma dizer o antropólogo, Ronaldo Almeida, “*a onda quebra em várias direções*”. As ondas pentecostais misturaram-se e é impossível dizer, na atualidade, o que é exclusivo de cada uma (MORAES, 2010, p. 16-17).

Moraes propõe nos seus trabalhos uma alteração na nomenclatura usada para designar o movimento neopentecostal, de acordo com ele o prefixo trans em comparação com o prefixo neo possibilita uma ideia de trânsito, de algo que está em movimento constante, algo que vai além da estabilidade. Ele defende que o prefixo trans exprime melhor a atual situação do subcampo pentecostal brasileiro, pois ele ressalta que o prefixo trans, em latim significa: “além, para além; de um lado a outro”. Daí ele usa o termo *transpentecostalismo* (MORAES, 2008, p. 199). No entanto, nos referiremos a Igreja

Universal do Reino de Deus (IURD), no decorrer deste trabalho, como uma igreja neopentecostal, por ser este o termo mais utilizado entre os estudiosos do campo religioso brasileiro.

As igrejas neopentecostais teriam como características básicas, apesar de não serem homogêneas, posturas menos sectárias e ascéticas, elas possuem uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades fora da igreja (empresariais, políticas, assistencialistas, culturais), quando comparadas às igrejas do pentecostalismo clássico e do Deuteropentecostalismo. Esses são considerados componentes da vertente neopentecostal.

Como vimos as igrejas evangélicas pentecostais crescem no Brasil, sobretudo, a partir dos anos de 1970. Esses dados foram evidenciados pelos censos realizados pelo IBGE. O crescimento do número de evangélicos foi impulsionado pelo aumento e pela popularidade, das igrejas neopentecostais, mas a partir de agora nos ateremos ao caso específico da IURD, liderada pelo Bispo Edir Macedo.

1.2. Igreja Universal do reino de Deus e o bispo Edir Macedo

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1977. Ela é, hoje, um dos maiores grupos neopentecostais do país. O seu processo de fundação seguiu o caminho tradicionalmente trilhado por esse tipo de investimento religioso. A igreja foi fundada com base num líder carismático, Edir Macedo, que estava insatisfeito com os caminhos logrados pelas igrejas da primeira e da segunda onda do Pentecostalismo. Foi assim, que ele dissidiu-se dos seus antigos parceiros e criou um novo grupo defendendo o pensamento de que era portador da mensagem verdadeira e diferenciada das demais, foi assim que ele se apresentou como preparado para desenvolver atividades no disputado campo religioso brasileiro. Ele manteve a expectativa de alcançar corações e mentes dos potenciais adeptos.

Na década de 1980 a IURD foi ganhando notoriedade e o número de templos foi se multiplicando e a igreja se expandiu para diferentes unidades federativas. Na ocasião dos 10 anos de fundação da IURD, em 1987, a igreja promoveu um evento que lotou o Estádio do Maracanã. Sobre o episódio, Macedo diz que:

ao lembrar esse cenário hoje, revivo uma satisfação interior indizível. Não pela vaidade de superlotar o então maior estádio do planeta, mas porque Deus havia contado comigo. Eu queria apenas isso: ser usado pelo Espírito de Deus para espalhar a salvação em um mundo tão cheio de dores e angústias⁴.

De acordo com o relato do Bispo, ele teria sido usado por Deus para espalhar a salvação em um mundo cheio de dores e angústias. Esse trecho alicerça o que foi dito sobre Edir Macedo, que assim como outros líderes dissidentes, estava sob a premissa de que levava mensagem verdadeira e diferenciada. De acordo com o seu discurso, Deus havia contado com ele e isso é um motivo de satisfação inefável.

Imagem 1- Evento da IURD no Maracanã em 1987



<https://blogs.universal.org/>

⁴ Trecho de autoria de Edir Macedo, consultado no site: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/eventos-no-maracana/>, em 30 de março de 2019.

De acordo com o Blog da Igreja Universal, o Maracanã, naquela ocasião, foi, pela primeira vez, tomado por um povo mais fervoroso e fiel do que qualquer torcida organizada de futebol. O evento chamado de “Duelo dos deuses” aconteceu na Sexta-feira Santa, tradicional feriado religioso. De acordo com a Igreja “o nome tinha um objetivo estratégico: aguçar a fé de quem presenciaria o confronto entre o Deus da Universal e os deuses deste mundo”⁵.

Deste modo, a partir da década de 1980,

a IURD alcançou notoriedade: seja por meio dos grandes eventos promovidos em estádios de futebol; seja pelos escândalos que esses eventos causaram, em virtude do volume de dinheiro arrecadado, quase sempre transportado em sacos e amplamente divulgados pela grande mídia; seja pelas batalhas espirituais, envolvendo a luta contra adeptos das religiosidades afro-brasileiras - candomblé e umbanda -, tratadas como portadoras de práticas demoníacas, ou até mesmo contra católicos e outras formas de religiosidades cristãs (protestantes históricos e pentecostais tradicionais). Fato é, e isso não se questiona, que o carisma e o empreendedorismo do seu fundador transformaram o grupo, inicialmente pequeno, como todos que surgiram nesse período, em grande potência religiosa brasileira e internacional, antagonizando com os principais grupos protestantes e evangélicos do país (MENESES, 2017, p. 256-426).

Foi em meio a esse contexto que o Bispo Edir Macedo lançou a primeira edição do seu livro intitulado “Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios?”, nosso principal objeto neste trabalho. É possível perceber, por meio da leitura desta obra, a existência de uma verdadeira batalha no campo religioso contra as práticas e os praticantes, sobretudo, das religiões afro-brasileiras, que são demonizadas no discurso do Bispo.

A IURD, principalmente nas primeiras décadas, teve como característica um forte proselitismo. Esse proselitismo mirava principalmente em católicos que se denominavam não praticantes e em adeptos das religiões afro-brasileiras. O livro “Orixás, caboclos e guias”, como veremos, tem como propósito denunciar os supostos planos malignos por trás dessas religiões, que na visão do Bispo são comandadas por demônios que têm como objetivo acabar, literalmente, com a vida das pessoas que são ou se deixam enganar pelo mal.

Macedo apresentou a IURD como sendo um lugar sagrado onde os problemas recorrentes na sociedade brasileira, como miséria, doenças, desemprego, entre outros, podem ser resolvidos imediatamente por meio da libertação dessas pessoas da opressão

⁵ Consulta ao site <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/eventos-no-maracana/>, acessado 30 de março de 2019.

dos demônios, que são associados às divindades e entidades das religiões afro-brasileiras e ao espiritismo, de maneira um pouco mais amena.

Quando fundou a Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo tinha 32 anos de idade. Ele conta que a sua principal incentivadora foi a sua mãe, Eugênia de Macedo. Edir Macedo nasceu na pequena cidade de Rio das Flores, localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu numa família católica, mas já contou ter ido a centros sem especificar ao certo qual religião era. No livro que nos propomos analisar ele relata:

Quando eu era criança, meu pai, nos ameaçava ao tentar descobrir alguma arte que eu e meu irmão praticávamos, dizendo que ia perguntar aos espíritos no centro. Ficávamos com muito medo porque sabíamos que os espíritos quase sempre acertavam (MACEDO, 2014, p. 103).

Em seguida ele conta um outro episódio que parece ter ocorrido mais tarde quando a família já vivia na cidade do Rio de Janeiro. Segundo ele:

Em uma certa ocasião, quando meu tio chegou do interior para se tratar de uma enfermidade no Rio de Janeiro, tivemos uma boa experiência. Ele ficou hospedado em nossa casa e embora os médicos tivessem feito tudo que puderam, não o curaram.

Nós o levamos ao centro (é bom lembrar que naquela época eu também estava no engano) e, em certo momento, eu e minha tia o carregamos até um dos médiuns, para que tomasse os passes. O médium imediatamente relatou tudo o que estava acontecendo com ele, o que nos deixou espantados e maravilhados. Garantiu que meu tio ficaria curado totalmente dentro de pouco tempo.

Ficamos esperançosos e confiantes; quatro dias depois, no entanto, ele faleceu. Se tivesse ficado realmente curado, talvez eu estivesse enredado no espiritismo até hoje! Nunca seria um pregador e jamais teria escrito este livro!

Por intermédio de falsos "milagres", os demônios têm conseguido não somente atrair o homem, mas também enraizá-lo de maneira que somente o poder de Jesus Cristo pode libertá-lo (MACEDO, 2014, p. 103-104).

O filme biográfico “Nada a Perder: Contra tudo. Por todos”, lançado em 2018, narrou aspectos da vida de Edir Macedo por meio de uma narrativa linear, unívoca e “coerente” e o apresentou como sujeito possuidor de uma identidade fixa, pré-determinada, estabelecida desde o momento do seu nascimento. Fez referência ao catolicismo praticado por sua família e que em algum momento eles já recorreram a um curandeiro (assim que ele é descrito) para resolver um problema de asma da sua irmã Elcy.

A cena vem numa sequência importante para compreender a construção desenvolvida no decorrer do filme. Edir e sua família aparecem em uma procissão da Igreja Católica, no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro, em 1962. Durante essa cena,

além do jovem Macedo demonstrar descontentamento em estar participando daquele cortejo em torno de uma imagem que representava Jesus crucificado também evidência que sua irmã não estava bem de saúde. Esse fato é importante, pois ele deu coerência à sequência. Após a procissão, Edir Macedo percebe que sua irmã estava tendo uma forte crise de asma e ele questiona certos dogmas da Igreja Católica. Dentre eles, o fato de Jesus ser representado crucificado. O seu pai ao ver que nada ajudava na crise de asma da Elcy, diz que talvez eles deversem “tentar algo mais radical” e após o corte de cena ele e Edir aparecem na presença de um curandeiro.

O curandeiro faz rezas incompreensíveis, ele murmura e balbucia sons incompreensíveis. Edir Macedo ri e zomba da performance do curandeiro e até mesmo a trilha sonora, durante essa cena, desqualifica as ações do curandeiro. Dando a entender que ele estava fazendo algo engraçado, sem credibilidade, sem coerência. O curandeiro bate palmas, emite alguns sons, joga algumas ervas para o ar e recomenda que eles façam as mesmas coisas com a Elcy para que ela fique curada. Eles fazem, mas Elcy permanece doente e apresenta pioras.

Assim, o telespectador é induzido “à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências” (AVELAR, 2012, p.71). Nesta perspectiva vamos ao encontro da crítica à *ilusão biográfica* desenvolvida por Pierre Bourdieu. Segundo ele a história de vida é uma das noções do senso comum que entraram como contrabando para o universo científico (BOUDIEU, 1996). De acordo com a crítica desse sociólogo, é comum ao discorrer sobre uma história de vida pressupor um conjunto de acontecimentos de uma existência individual.

É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (...), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (...), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a "mobilidade"), que tem um começo ("uma estreia na vida"), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ("ele fará seu caminho" significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história (BOUDIEU, 1996, p. 183).

Foi amparado no paradigma que percebe e trata o curso da vida como se ela fosse constituída por um todo coerente e devidamente ordenado que o longa-metragem foi

construído. Onde a vida pode, deve e é, comumente, compreendida como uma sentença retilínea de uma “‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (‘sempre gostei de música’) das ‘histórias de vida’” (BOUDIEU, 1996, p. 183). Por isso, torna-se necessário ter em mente que “o enredo de uma vida não é, entretanto, uma trajetória retilínea em direção a um fim determinado que já se manifestava desde os momentos mais remotos da infância do personagem” (AVELAR, 2012, p.72).

Ainda na narrativa do filme a Elcy, a irmã de Edir Macedo, só apresenta melhora em relação as suas crises de asma quando se aproxima do movimento pentecostal, por meio da Igreja Cristã Nova Vida, fundada em 1960. Foi nessa Igreja que Edir se converteu ao pentecostalismo e mais tarde, insatisfeito com os caminhos logrados pela denominação, se dedicou e investiu para fundar uma denominação mais compatível com seus ideais, até que conseguiu fundar em 1977 a IURD. Neste momento de dissidência, Macedo resolveu dedicar-se exclusivamente ao mercado religioso, ele demitiu-se do seu emprego público na Lotérica da Guanabara. Ainda jovem, Edir Macedo conseguiu esse emprego com o auxílio de Carlos Lacerda, Governador do Estado da Guanabara entre 1960-1965, com quem a família dele tinha certa proximidade, de acordo com Jonatas Silva Menezes (2017, p. 426).

Macedo se apresenta como um líder religioso carismático, torna-se Bispo e junto com os seus principais seguidores utilizaram técnicas que transformaram uma pequena igreja do subúrbio do Rio de Janeiro em uma potência Nacional e Internacional. Isso ocorreu mediante uma boa administração e o uso do sincretismo religioso para conquistar adeptos das camadas mais pobres e, subsequentemente, alcançou as camadas mais abastadas da sociedade brasileira, inclusive grupos empresariais.

Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? foi escrito e veiculado em meio ao forte proselitismo da IURD na década de 1980, período que se expandiu, inclusive internacionalmente. Tendo no seu estatuto como principal missão, a pregação do evangelho e a palavra de Jesus Cristo por todo o mundo.

1.3. Ação civil pública contra a venda do livro

Sobre o livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* o autor diz no blog da Igreja Universal do reino de Deus que:

No início dos anos 1980, relatei as minhas experiências em um livro polêmico chamado “*Orixás, Guias e Caboclos: deuses ou demônios?*”, lançado oficialmente em um evento no Maracanãzinho. A obra foi publicada em português, inglês e espanhol. Em uma das edições mais recentes, a capa trazia a ilustração de uma vela acesa e inchada. Chegamos a veicular propaganda comercial nas principais emissoras de televisão do Brasil. O livro, que já chegou a ser censurado, apenas traz a verdade cristalina e esmiuçada sobre o efeito nocivo dos espíritos malignos.⁶

A obra é desenvolvida pelo autor num tom de denúncia, ele diz que sempre desejou “colocar em um livro toda a verdade sobre os orixás, caboclos e mais diversos guias, dentre outras entidades, que vivem enganando as pessoas e fazendo delas ‘cavalos’, ‘burrinhos’ ou ‘aparelhos’, sendo que Deus as criou para serem a Sua imagem e semelhança” (MACEDO, 2014, p. 15). Edir Macedo diz que o seu desejo é denunciar as tramas satânicas, que estão por trás do Espiritismo, da Umbanda, do Candomblé, da Quimbanda e outras religiões de matriz africana. Como veremos na segunda parte deste trabalho, quando nos dedicaremos a uma análise mais profunda do livro, essas religiões de acordo com o seu discurso são as responsáveis pelo subdesenvolvimento do Brasil, pelas doenças, vícios, desavenças e todos os outros males que o ser humano está sujeito.

Como vimos na citação acima, o autor diz que o seu livro já chegou até mesmo a ser censurado. Embora, de acordo com ele, o livro transmita apenas a verdade cristalina e detalhada sobre o efeito nocivo dos espíritos malignos. A obra em questão de fato teve a sua venda suspensa em novembro de 2005 por uma determinação da juíza Nair Cristina de Castro, da 4º vara da Justiça Federal da Bahia, sob nº 2005.33.00.022891-3.

De acordo com sentença, os responsáveis pela distribuição, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Editora Gráfica Universal, teriam 30 dias para retirar a obra de mercado, sob pena de multa diária no valor de R\$ 50.000, além das sanções criminais cabíveis. A Juíza em sua sentença alegou que a obra se mostrava

⁶ Consulta ao site <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/deuses-ou-demonios/>, acessado em 30 de março de 2019

abusiva e atentatória ao direito fundamental, não apenas dos adeptos das religiões originárias da África e aqui absorvidas, culturalmente, como afro-brasileiras, mas da sociedade, no seu genérico prisma, que tem direito à convivência harmônica e fraterna, a despeito de toda a sua diversidade (de cores, raças, etnias e credos)⁷.

A magistrada federal fundamentou sua decisão no fato de que o livro do bispo Edir Macedo “extrapolou os limites da liberdade religiosa, pois se predispôs a tratar pejorativamente outra religião e seus adeptos, incitando à discriminação através da disseminação de conceitos negativos pré-concebidos” (SEREJO; SILVA, 2017, p. 239). Em resposta, os requeridos recorreram da decisão liminar e o caso chegou à 6ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (Agravo de Instrumento nº 2005.01.00.069605-8), que julgou o recurso em favor dos requeridos.

No julgamento a 6ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região entendeu que a obra, de fato, contém expressões e mensagens preconceituosas, mas que deve prevalecer a liberdade de pensamento aventada pelo artigo 5º da Constituição. Apenas o relator do agravo, Desembargador Federal Souza Prudente, confirmou a competência da Justiça Federal e a legitimidade *ad causam* do Ministério Público Federal para o caso e votou favorável a manutenção da retirada da obra de mercado.

Demonstrado nos autos, que a publicação de obra literária, com manifestos excessos de linguagem, atentatórios ao exercício dos cultos afro-brasileiros, implica em risco de danos à garantida liberdade de consciência, de crença e de cultos religiosos, integrantes do nosso patrimônio histórico cultural, a não suportar quaisquer manifestações discriminatórias e ofensivas da prevalência dos direitos humanos fundamentais (CF, arts. 3º, IV, e 4º, II), posto que as liberdades públicas não são incondicionais e a liberdade de expressão, especificamente, não se revela em termos absolutos, como garantia constitucional, mas deve ser exercida, nos limites do princípio da proporcionalidade, afigura-se legítima a proibição dessa obra literária, como forma de contenção de tais excessos nocivos à salvaguarda do núcleo essencial de outros direitos fundamentais, como no caso em exame. (BRASIL, 2006, p. 26-27).

O magistrado Leão Aparecido Alves, alegou que a questão suscita um descompasso entre artigos da Constituição se defende a liberdade de expressão e se proíbem apologias de cunho racial ou religioso - contudo, de acordo com ele, o autor tem o direito garantido pela Constituição de expressar seu pensamento e, ademais, a obra está restrita a um grupo de interessados, ligados àquela profecia de fé. Na sua decisão ele também mencionou o fato de a obra já circular desde a década de 80, o que afastaria, na

⁷ Consulta ao site <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>, em 01 de abril de 2019.

hipótese, o perigo na demora de se decidir, podendo aguardar a sentença de 1º grau. Sendo assim, ele votou favorável ao provimento do recurso e pela continuidade da venda da obra de Edir Macedo. O magistrado Leão Aparecido Alves disse:

(...) considero que as ideias expostas no livro em causa não são preconceituosas ou discriminatórias contra quaisquer confissões religiosas, uma vez que constituem, apenas, doutrina religiosa sobre determinado assunto, relacionado aos espíritos, aos anjos, aos demônios e aos deuses. Neste sentido, o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos do Homem estatui: "Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular." As ideias transmitidas no livro em causa constituem a materialização do direito ao ensino de determinada confissão religiosa, e não prática discriminatória ou preconceituosa contra os integrantes de outras religiões.

Assim sendo, e em resumo, a crença religiosa, expressa no livro em causa, de que o deus judaico-cristão proíbe a comunicação entre os vivos e os mortos e de que as entidades que se manifestam nas sessões espíritas são demônios (espíritos malignos), decorre da interpretação literal de passagens bíblicas e não implica ofensa à liberdade de crença dos que professam a fé espírita ou a afro-brasileira (os quais creem nessa comunicação), nem caracteriza prática discriminatória ou preconceituosa para com eles, mas sim o exercício do direito de ensinar determinada crença religiosa (Declaração Universal dos Direitos do Homem, artigo 18). Trata-se, portanto, do legítimo exercício da liberdade de crença religiosa, que não admite censura nem intervenção estatal (Constituição do Brasil, artigos 5º, IV, VI, IX; 19; 220, "caput", § 2º). (BRASIL, 2006, p. 21-22)

Cabe destacar que o relator, Desembargador Souza Prudente, sustentou, diferente do magistrado Leão Aparecido Alves, a existência de atos de intolerância religiosa enquadrados como atos de racismo previstos no artigo 20 da Lei nº 7.716/89 e no artigo 208 do Código Penal, ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato. Souza Prudente, no decorrer do seu relato, citou o “caso Ellwanger”, HC 82.424-2/RS⁸, para alicerçar a sua defesa de que a liberdade de expressão não abarca o direito de violar a liberdade religiosa e, por isso, requereu liminarmente e no mérito (SEREJO; SILVA, 2017, p. 238).

O “caso Ellwanger” foi julgado dois anos antes do “caso Edir Macedo” e na ocasião o Supremo Tribunal Federal (STF) debruçou-se sobre a análise de Habeas Corpus, focando Siegfried Ellwanger Castan, escritor e editor da Revisão Editora Ltda. Ellwanger editou, distribuiu e vendeu os livros *Holocausto Judeu ou Alemão – nos bastidores da mentira do século*, *Hitler Culpado ou Inocente?* e *Os Protocolos dos Sábios*

⁸ Consulta ao site: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=79052>, em 02 de abril de 2019.

de Sião, obras consideradas antissemitas e revisionistas dos horrores provocados pelo holocausto.

Como expõem Artenisa Silva e Jorge Serejo:

Neste *caso difícil* que expressou o confronto de enunciados e princípios jusfundamentais presentes no texto constitucional, o STF manteve a condenação de Ellwanger pelo crime de racismo (Lei nº 7.716/89), por 9 votos a 3, concluindo ao final que a liberdade de expressão e a livre manifestação do pensamento não configuram direitos absolutos, tampouco se prestam à incitação de discriminações odiosas. Assim, o caso se tornou emblemático e lançou luzes no campo jurídico brasileiro sobre a proteção de minorias étnicas e religiosas (SEREJO; SILVA, 2017, p. 231).

No entanto, diferente do STF, o TRF-1 conferiu mais densidade à liberdade de expressão de Edir Macedo, e ainda hoje o processo se encontra sem julgamento definitivo. As negações das tragédias provocadas pelo nazifascismo europeu contra os judeus, foram corretamente censuradas pelo Supremo Tribunal Federal. Mas no caso Edir Macedo, que dissemina e incentiva formas de intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras a liberdade de expressão teve mais preponderância. Assim, a venda do livro foi mantida.

O “caso Ellwanger” não serviu de parâmetro para o julgamento do “caso Edir Macedo”, embora tenha sido citado durante o processo. Como vimos Leão Aparecido Alves fundamentou na sua decisão que os argumentos (a intolerância religiosa) de Edir Macedo estão assegurados no texto religioso (Bíblia) que amparam a fé dos supostos agressores e

a negação desse fato é que constitui ato de intolerância ou censura, deixa claro que na sua opinião, independentemente do ato cometido pelo Bispo Edir Macedo contra as religiões afro-brasileiras, que o problema reside mesmo é na eventual censura que ele poderia sofrer com a interdição da sua obra, julgando meramente conforme sua consciência ou pré-conceitos, ignorando o caso precedente em questão (SEREJO; SILVA, 2017, p. 252).

Essa sentença favorável à continuidade da venda do livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* transpassa a ideia de que o discurso de ódio e o preconceito contra as religiões afro-brasileiras sejam formalmente toleradas e compreendidas como constituindo a liberdade de expressão das igrejas neopentecostais, como a IURD do bispo Edir Macedo.

3. A REPRESENTAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO LIVRO “ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMÔNIOS?”

3.1. Conceito de representação

Cabe destacar que o conceito de representação, neste trabalho, pressupõe significados e valores que estão de acordo com as proposições desenvolvidas por Roger Chartier (1991). Acreditamos que a noção de representação nos possibilita perceber no que a construção do bispo Edir Macedo diferencia-se das narrativas desenvolvidas por adeptos e pesquisadores das religiões afro-brasileiras. Ao analisarmos as representações contidas no livro *Orixás, caboclos e guias* perceberemos quais mensagens são “transmitidas” por meio da construção do líder da IURD.

A discussão da primeira parte desse trabalho foi pertinente, pois nos permitiu situar o autor do nosso objeto de estudo em um determinado contexto sociocultural e isso é relevante para a compreensão da sua representação. Por esse motivo cabe destacar que, de acordo com Chartier, a obra de Bourdieu nos permite realizar um pensamento relacional. O que significa que: “A obra, o artista, o filósofo, só existem dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis que definem a posição de cada um em relação à posição dos outros, ou seja, a uma posição social, em relação a uma posição estética” (CHARTIER, 2002, p. 140).

Isso significa que Edir Macedo, assim como qualquer sujeito, pertence a um contexto social, cultural, político e econômico. Macedo, quando desenvolveu o livro em questão, pertencia a um meio constituído por diferentes "forças" que se confrontavam. Por isso, ele não é um gênio singular ou um indivíduo isolado. Mas isso não significa que defendemos a existência de um determinismo social, na verdade recusamos essa ideia, assim como o autor da citação acima.

Aby Warburg, um teórico do campo da arte, por exemplo, se baseava numa percepção mais ampliada das manifestações artísticas e, por isso, ele propunha analisar, sempre, à luz de um horizonte histórico a que insere-se a obra ou o artista em questão.

Embora Warburg tenha proposto esse tipo de análise para o campo das artes plásticas, acreditamos que o mesmo pode ser aplicado no caso do livro que analisaremos.

No livro intitulado “História da Arte”, Gombrich diz que um dos seus objetivos “é situar as obras que analisa em seu contexto histórico e, assim, levar a uma compreensão dos propósitos [...]” (GOMBRICH, 2001, p. 9). Por esse motivo, na primeira parte desse trabalho situamos, mesmo que de maneira limitada, dado os limites estabelecidos para pesquisa, parte do movimento pentecostal e neopentecostal; a trajetória do bispo Edir Macedo, a fundação IURD e as principais características dessa igreja.

Gombrich defendeu que devemos compreender as obras levando em consideração o período em que elas foram produzidas e as influências de quem as desenvolveu no modo de conceber ou não conceber a sua obra (GOMBRICH, 2001, p. 9-10). Tendo em mente a reflexão dos autores citados podemos inferir que a obra de Edir Macedo, assim como qualquer outra produção, está diretamente ligada ao período histórico em que foi construída (período de crescimento do neopentecostalismo e de disputa no campo religioso).

Isso significa que, para entendermos as realidades construídas por Edir Macedo, temos que considerar o seu tempo, suas relações profissionais e pessoais, sua visão de mundo, entre outras coisas, pois somente assim entenderemos o sentido de suas representações referentes às religiões afro-brasileiras. Assim, por meio da análise da sua obra, poderemos compreender uma série de questões políticas, sociais e ideológicas.

Assim, podemos dizer que a ideia de representação indica a maneira que uma determinada realidade é construída, refletida e dada a compreender por distintos grupos sociais em períodos e lugares diferentes. As construções das representações vêm dos discursos, seja por qual meio for, que o(s) grupo(s) profere(m). Por isso, para uma melhor compreensão das representações de Edir Macedo, alicerçamos a nossa análise no contexto em que ela foi desenvolvida.

Importante destacar que Chartier critica os falsos debates desenvolvidos em torno da divisão entre a história que trabalha com a objetividade das estruturas (que seria a história mais segura, a que trabalha com documentos capazes de reconstruir as sociedades tais como eram) e a que trabalha a subjetividade das representações (que seria a história dirigida pelas ilusões de discursos distanciados do real). Para ultrapassar esses falsos

debates consideraremos os sistemas geradores de significações e percepções como verdadeiras instituições sociais. “O que leva seguidamente a considerar estas representações como matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (...)” que, por sua vez, “(...) têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto as dos outros como a sua” (CHARTIER, 2002, p. 17-18).

Deste ponto também resultam as lutas de representações, que é a tentativa de um grupo impor a sua concepção de mundo social aos demais grupos (busca de legitimidade). Por isso, as lutas de representações são tão importantes, para este autor, quanto as lutas de classes. Assim, fica evidente que a dicotomia entre uma história que trabalha com a “objetividade das estruturas” e uma que trabalha com a “subjetividade das representações” é sem fundamento, pois todos os documentos, até os considerados mais “isentos”, possuem traços da subjetividade de quem os produziu.

As representações de Edir Macedo contribuíram para a construção de uma imagem específica das religiões afro-brasileiras. Ele discorreu sobre essas religiões tendo como base os preceitos da sua própria crença. Promoveu um discurso de intolerância e racismo religioso, como veremos.

3.2. Análise do livro

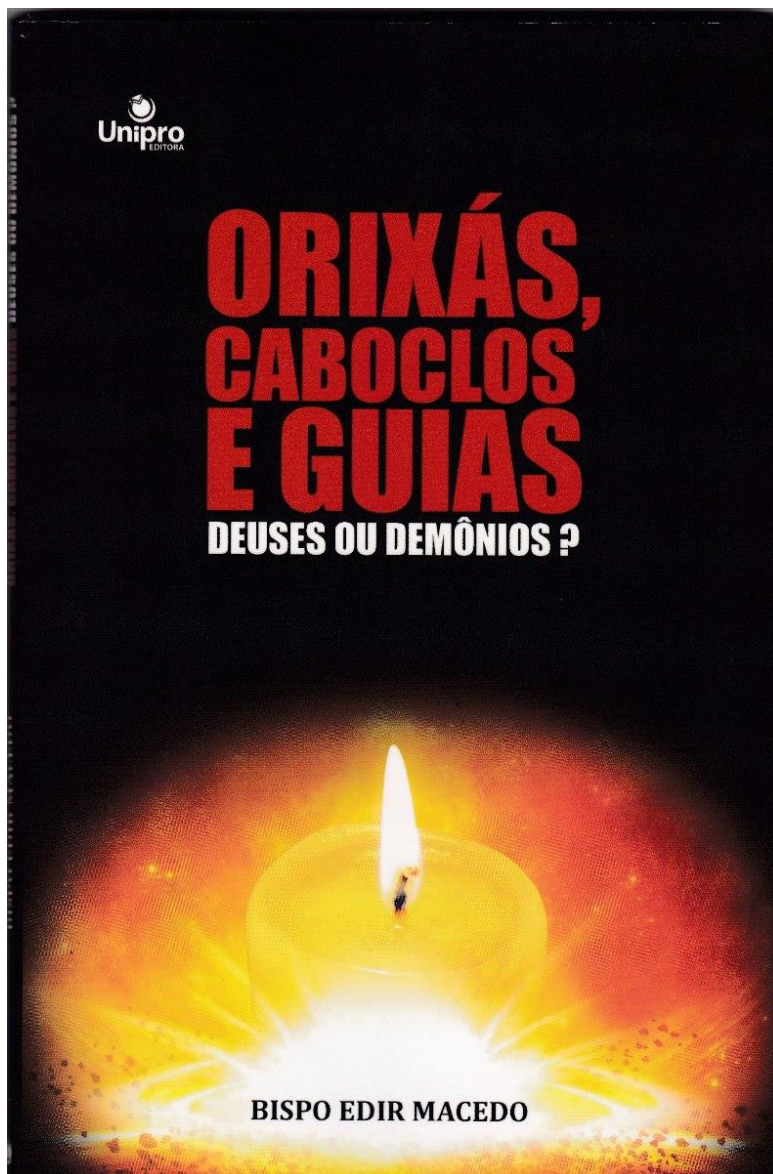
O livro *Orixá, caboclos e guias: deuses ou demônios?* foi desenvolvido na década 1980. Ele foi publicado em inglês, espanhol e português. Acreditamos que a internacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus, a partir do final da década de 1980, pode ter impulsionado as publicações em outras línguas.

Não conseguimos ter acesso ao número de livros vendidos ao longo desses anos. Mas o Jornal *Folha de São Paulo* veiculou em uma matéria que, de acordo com o Ministério Público, foram vendidos cerca de 3 milhões de exemplares entre os anos de 1997 e novembro de 2005⁹. No entanto, é importante destacar que desde 2005 outras

⁹ Consulta ao site: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>, em 05 de abril de 2019.

edições foram lançadas. O que significa que o número de livros vendidos aumentou nos anos que se seguiram.

Imagem 2 – Capa da 18ª edição do “Orixás, caboclos e guias”.



Os números, embora desatualizados, impressionam e nos permitem ter uma estimativa, mesmo que vaga, da circulação das ideias defendidas pelo bispo Edir Macedo. A partir daí podemos refletir, com base nas ideias desenvolvidas por Peter Stallybrass no livro intitulado *O Casaco de Marx: roupas, memória e dor*, sobre o fato de que os objetos carregam consigo ideias, memórias, abstrações e, por sua vez, estão ligados a concepções sociais e ganham sentidos pelos diferentes atores e lugares por onde circulam. O livro de Edir Macedo também pode ser pensado enquanto objeto e como tal a sua materialidade

nos permite refletir sobre como as ideias circulam por distintos lugares. A sua obra está carregada de símbolos que, por sua vez, transmitem mensagens e essas são a maneira como ele optou por representar determinadas expressões das religiões afro-brasileiras para os seus seguidores a para captar novos fiéis.

Peter Stallybrass demonstrou, na obra mencionada, como todo objeto, mercadoria, possui um valor, mas também possui o seu significado social, um valor imaterial, invisível, suprassensível que estão permeadas de ideias (STALLYBRASS, 2008, 43-44). Isso nos permite pensar como as ideias do bispo Macedo circularam e continuam circulando através dessa materialidade.

A 18ª edição do livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios* está dividida em 21 capítulos: Capítulo 1 - Orixás, Caboclos & Guias, Deuses ou Demônios?; Capítulo 2 – Quem são os demônios?; Capítulo 3 - Deus permite a atuação dos demônios? Por que?; Capítulo 4 – Como os demônios se apoderam das pessoas?; Capítulo 5 – Nomes usados pelos demônios; Capítulo 6 – A mediunidade e suas características; Capítulo 7 – Possessão e encostos; Capítulo 8 – Sinais de possessão; Capítulo 9 – O desenvolvimento; Capítulo 10 – Enganos demoníacos; Capítulo 11 – Os demônios têm poder?; Capítulo 12 – Os demônios e as doenças; Capítulo 13 – Trabalhos e despachos; Capítulo 14 – Macumba pega?; Capítulo 15 – Crentes endemoniados ?; Capítulo 16 – A ação da igreja x a ação dos demônios; Capítulo 17 – Poder contra os exus e todos os demônios; Capítulo 18 – Dez passos da libertação; Capítulo 19 – O que todo ex-macumbeiro deve saber; Capítulo 20 – O Espírito Santo; Capítulo 21 – Atitudes em relação a Satanás.

O prefácio, que foi assinado genericamente por “Os editores”, embora breve, consegue transmitir a mensagem que será desenvolvida ao longo da obra. Eles iniciam com o argumento de que muita coisa tem sido escrita sobre demônios, mas que “não conhecemos, entretanto, um livro com a veracidade, a impetuosidade e a coragem deste que temos a satisfação de prefaciar”. Os editores defendem que poucas pessoas estão qualificadas para discorrer sobre demônios como Edir Macedo que se empenha por décadas na obra de libertação. Edir Macedo é descrito como conhecedor de todas as “artimanhas demoníacas” e o que fez ele se tornar um grande conhecedor do assunto, de acordo com os editores, foi o “seu frequente contato com praticantes do espiritismo, nas suas mais diversas ramificações”, leia-se praticantes das religiões afro-brasileiras” (MACEDO, 2014, p. 11).

Ainda no prefácio fica evidente que, de acordo com as ideias defendidas nesse livro, orixás, erês, exus, caboclos e guias são sinônimos de demônio. Eles defendem que

o livro “coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios, que se fazem passar por orixás, exus, erês, dentre outras entidades das seitas afro-brasileiras e similares” (MACEDO, 2014, p. 13).

As religiões afro-brasileiras são chamadas de seitas. Esse fato merece destaque, pois o termo seita é usado, ao longo do livro, com um sentido pejorativo, quase sempre remetendo à ideia de atrasado, primitivo, demoníaco e práticas errantes, por exemplo. Como expõe Donizete Rodrigues:

as seitas são hostis e perigosas, não somente para a Igreja oficial, mas também para o poder econômico e político instituídos, ou seja, para a ordem social dominante; e isso explica, naturalmente, o sentido pejorativo do conceito de seita e, em alguns casos, as injustificadas campanhas de difamação desencadeadas por parte do Estado e da Igreja majoritária, contra um determinado movimento religioso (RODRIGUES, 2008, p. 22)

O propósito de Macedo é ensinar as pessoas a se libertarem do mal, “das seitas afro-brasileiras”, que tenta dominá-las. As divindades e entidades das religiões afro-brasileiras são demonizadas e os seus adeptos são mencionados como pessoas que precisam de libertação e isso só é possível por meio da aceitação de “Jesus como único Senhor e Salvador”. Na verdade, esse é apenas o primeiro passo de uma vida pautada na moralidade cristã ensinada pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus.

O livro tem o intuito de alertar os praticantes das religiões afro-brasileiras e os cristãos dos males que os cercam. “Cremos ser impossível a um adepto das práticas aqui referidas ler esse livro e continuar a praticá-las. Acreditamos também ser difícil a um cristão ler esta obra e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada” (MACEDO, 2014, p. 13). O livro alerta os cristãos sobre o mal e reforça a ideia de “guerra espiritual” ensinando como os cristãos devem combater as “potestades malignas” e as “seitas demoníacas”, que são, de acordo com a construção do autor, as religiões afro-brasileiras.

Na introdução, Edir Macedo diz que dedica a obra

a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento. São sacerdotes de cultos como umbanda, quimbanda e candomblé, os quais estão, na maioria dos casos, bem-intencionados. Poderão usar seus dons de liderança ou de sacerdócio corretamente, se forem instruídos. Muitos deles hoje são obreiros ou pastores das nossas igrejas, mas não o seriam, se Deus não levantasse alguém que lhes dissesse a verdade (MACEDO, 2014, p. 16).

O autor diz que os líderes da umbanda, quimbanda e candomblé mediante orientação poderiam exercer seus dons de liderança corretamente. Se tornar instruído,

para ele, significa estar de acordo com os dogmas religiosos da sua igreja. Ele também diz que muitos já se tornaram obreiros e pastores da IURJ, mas isso só foi possível porque Deus levantou alguém para lhes dizer a verdade, desta maneira ele defende que os adeptos dessas religiões vivem no engano. Na lógica do autor ele mesmo foi levantado por Deus para levar “a verdade” e ajudar na “libertação” dessas pessoas. O próprio livro se apresenta como um instrumento para isso.

(...) Você terá a oportunidade de concluir se os ensinamentos apresentados aqui são sinceros e estão calcados na Palavra de Deus.

Eu me sentirei recompensado se pelo menos uma pessoa, através da leitura deste livro, abandonar a vida errante, enfronhada nas falsas religiões, e se tornar um verdadeiro cristão. Sentir-me-ei realizado se este livro for uma verdadeira mensagem transformadora (MACEDO, 2014, p. 17).

O forte proselitismo que é uma característica do movimento neopentecostal é evidente no trecho citado. O autor chama as outras religiões de falsas e diz que a sua realização se dará caso a mensagem contida no livro seja transformadora, ou seja, consiga captar novos fiéis por meio da conversão dos adeptos das religiões afro-brasileiras. De acordo com a construção de Macedo, as pessoas deveriam abandonar a suposta vida errante, resultante das supostas falsas religiões, e se tornar um “verdadeiro cristão”.

Edir Macedo inicia o capítulo 1 dizendo que o povo brasileiro herdou, “das práticas religiosos dos índios nativos e dos escravos oriundos da África, algumas religiões as quais vieram a ser mais tarde reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras (...)”. Na sequência ele diz a mistura da “mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé” (MACEDO, 2014, p. 19).

Além de naturalizar a escravidão, o autor segue fatores que estão associados às origens da colonização portuguesa na América, onde o colono branco priorizou a exploração mercantil e do trabalho dos povos, que por eles eram consideradas inferiores, negros e indígenas. Neste processo as crenças e os ritos desses povos foram igualmente considerados inferiores e passaram a ser demonizados e associados à ideia de magia, bruxaria e feitiçaria (SEREJO; SILVA, 2017, p. 233).

Assim, a crença de que os cultos afro-brasileiros e os cultos e ritos que mesclam práticas religiosas indígenas têm a capacidade de fazer mal foi disseminada desde os tempos coloniais. Assim, o pensamento de que essas crenças causam malefícios por meio de forças ocultas, sobrenaturais e, por vezes, demoníacas é frequente.

Ao ler a construção de Macedo é importante ter em mente que:

Os povos negros e suas culturas, alijados do processo civilizatório, foram resistindo e provocando repulsa, medo e indignação por parte de adeptos de outros segmentos religiosos derivados de religiões oficiais e socialmente aceitas, cuja origem é branca e burguesa.

Esse medo do feitiço negro levou à manipulação do inconsciente nacional coletivo para a afirmação de que o negro pertencia à massa inábil, inculta e marginal e que o branco lhe era superior não somente em relação ao trabalho, mas também em suas crenças e ritos (SEREJO; SILVA, 2017, p. 234).

Desta maneira podemos defender que as ideias desenvolvidas por Edir Macedo, além de promoverem a intolerância religiosa estão fundamentadas em teorias racistas que remontam ao período colonial, mas que não ficaram restritas a esse espaço de tempo. Essas ideias atravessaram a Colônia, o Império e a República e estão sendo veiculadas livremente, sob a alegação de liberdade de expressão e liberdade religiosa.

O segundo capítulo também é importante para compreender a construção de Edir Macedo. Ele tem o propósito de elucidar ou desvendar as origens dos males que assolam a humanidade. Segundo ele “doenças, misérias, desastres e todos os problemas que afligem o ser humano, desde que este iniciou a sua vida na Terra, têm uma origem: o diabo”. Os demônios, de acordo com o Bispo, personificam os males e seu principal alvo é o ser humano. Mas quem são os demônios? Sobre isso ele diz que: “os deuses famosos da Antiguidade, tanto no Egito quanto na Mesopotâmia, como os da mitologia africana, são na realidade demônios que nunca deixaram em paz o homem” (MACEDO, 2014, p. 29).

Nesta parte ele desenvolve um estudo sobre os demônios e suas práticas. Defende a ideia de que as divindades das religiões afro-brasileiras são demônios, logo elas devem ser combatidas pelos verdadeiros cristãos, “guerra espiritual”.

Imagem 3 – Pomba Gira, 2014.



A imagem acima está acompanhada da seguinte descrição: “A pomba gira causa, em muitas mulheres, o câncer de útero, de ovário, a frigidez sexual e outras doenças. A sua atuação atribui-se as práticas sexuais ilícitas e outras ligadas à sexualidade pecaminosa” (MACEDO, 2014, p. 35). No capítulo 5, intitulado “Nomes usados pelos demônios”, o autor acrescentou que “Prostitutas, homossexuais e lésbicas sempre são possuídos por ‘pombas-giras’, ‘marias-molambo’, etc” (MACEDO, 2014, p. 63). Essa citação não nos deixa dúvidas sobre quem Edir Macedo considera ter práticas “sexuais ilícitas” e “pecaminosas”.

Ainda no capítulo 5, o autor discorre sobre a origem do mal. De acordo com suas ideias:

Quando os primeiros escravos chegaram ao Brasil, trouxeram com eles as seitas animistas e fetichistas que permeavam seus países de origem na África. Aqui, encontraram muita afinidade da parte dos índios que tinham também uma forma de religião semelhante, onde os espíritos dos mortos eram consultados e onde se faziam trabalhos para agradar aos desencarnados ou deuses em seus rituais, ora folclóricos, ora macabros.

Para evitar atritos com a Igreja Católica, os escravos que praticavam a macumba, inspirados pelas próprias entidades demoníacas, passaram a relacionar os nomes dos seus deuses ou, para ficar mais claro, demônios, com os santos da Igreja Católica (MACEDO, 2014, p. 59).

O autor defende que os negros escravizados trouxeram com eles as “seitas animistas e fetichistas” e que as suas crenças eram “inspiradas pelas próprias entidades demoníacas”. Sendo assim, de acordo com a sua construção, os males estão diretamente ligados aos negros e indígenas, pois os seus deuses, que para Macedo são demônios, são os causadores dos males. Para não restar dúvidas em relação a isso citaremos o que o autor diz mais adiante. No capítulo 7, intitulado “Possessões e encostos”, ele afirma o seguinte:

Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, bruxaria e a magia, oficializadas pela Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido (MACEDO, 2014, p. 81).

Para ele, o subdesenvolvimento do país está relacionado às crenças afro-brasileiras, que são inspiradas, de acordo com a sua construção, por entidades demoníacas. Como dissemos ele mantém o discurso racista que relaciona, desde o período colonial, as práticas religiosas dos negros e indígenas a “feitiçaria, bruxaria e a magia”.

As origens desse preconceito de credo estão diretamente relacionadas à dominação cristã, moral e militar imposta pelos europeus aos demais povos do mundo. A imposição da cultura europeia aos povos que foram subjugados e dominados instituiu, de diferentes maneiras, a moral e a religião da sociedade branca e cristã como padrão que deveria ser seguido e aceito. Os que estavam e ainda estão fora desse padrão instituído por séculos ainda sofrem com violências simbólicas e físicas.

Na primeira parte desse trabalho discorreremos sobre a ação civil contra a venda do livro. Dissemos que o desembargador Souza Prudente sustentou a existência de atos de intolerância religiosa enquadrados como atos de racismo previstos no artigo 20 da Lei nº 7.716/89 e no artigo 208 do Código Penal, ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato. Sendo assim, veremos a partir de agora o que dizem esses artigos e se o discurso do bispo Edir Macedo pode ser enquadrado neles.

Artigo 20 da Lei do Crime Racial - Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989:

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Pena: reclusão de um a três anos e multa. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

§ 2º Se qualquer dos crimes previstos no caput é cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza: (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

§ 3º No caso do parágrafo anterior, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência: (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

I - o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo; (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas, televisivas, eletrônicas ou da publicação por qualquer meio; (Redação dada pela Lei nº 12.735, de 2012)

III - a interdição das respectivas mensagens ou páginas de informação na rede mundial de computadores. (Incluído pela Lei nº 12.288, de 2010)

§ 4º Na hipótese do § 2º, constitui efeito da condenação, após o trânsito em julgado da decisão, a destruição do material apreendido. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97) (BRASIL, 1989).

O artigo 20 da Lei do crime racial foi redigido inicialmente em 1989, durante o Governo José Sarney. No decorrer dos anos que se seguiram a redação da lei foi sendo alterada e atualizada para ampliar o alcance da mesma. O artigo deixa claro que praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional é crime e a pena é reclusão de um a três anos e multa. O paragrafo segundo diz que se qualquer dos crimes previstos no artigo for cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza a pena é de dois a cinco anos de reclusão e multa. O paragrafo três diz que caberá ao juiz julgar o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo, se esse for o caso.

Código penal – Decreto Lei número 2.848 de 07 de dezembro de 1940

Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena - detenção, de um mês a um ano, ou multa.

Parágrafo único - Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência (BRASIL, 1940).

De acordo com o artigo 208, ridicularizar ou zombar de alguém por motivo de crença ou função religiosa; desprezar ou rebaixar publicamente ato ou objeto de culto religioso tem como pena detenção de um mês a um ano, ou multa.

Como vimos, embora o relator tenha citado o “caso Ellwanger”, HC 82.424-2/RS, que dava transcendentalidade jurídica favorável à censura do livro de Edir Macedo, e tenha fundamentado seus argumentos no artigo 20 da Lei nº 7.716/89 e no artigo 208 do Código Penal, a 6ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (Agravamento de Instrumento nº 2005.01.00.069605-8), julgou por unanimidade o recurso em favor dos requeridos e manteve o livro em circulação. A sustentação foi que o caso suscita um descompasso entre artigos da Constituição que defendem a liberdade de expressão e que proíbem apologias de cunho racial ou religioso. Mas prevaleceu, neste caso, que o autor do livro tem o direito garantido pela Constituição de expressar seu pensamento.

No entanto, dois anos antes, no “caso Ellwanger”, o Supremo Tribunal Federal ao condenar Ellwanger pelo crime de racismo (Lei nº 7.716/89), por 9 votos a 3, concluindo ao final que a liberdade de expressão e a livre manifestação do pensamento não configuram direitos absolutos, tampouco se prestam à incitação de discriminações odiosas (SEREJO; SILVA, 2017, p. 231). Mas quando se tratou de discriminações odiosas em relação a religiões afro-brasileiras a 6ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região não pensou da mesma maneira.

Sustentamos neste trabalho que Edir Macedo dissemina, por meio do seu discurso, a intolerância religiosa e o racismo religioso, pois ele, como seguiremos demonstrando, além de demonizar aspectos dessas crenças, incentiva que elas devem ser combatidas, que seus adeptos precisam ser libertos, que esses cultos são inferiores, primitivos, têm o propósito de disseminar o mal e que esse mal foi trazido para o Brasil com os negros escravizados.

No capítulo 7, por exemplo, Edir Macedo sustenta que boa parte das doenças são causadas pelos demônios (orixás, exus, guias, caboclos, erês, etc...). Ele explica que os demônios têm o prazer de se apossar de germes para atuar no corpo de uma pessoa e fazer o mal. O propósito deles é promover a morte. “Quando morremos, o nosso espírito nos deixa e vai direto para o diabo ou para Deus, dependendo, é claro, da fé professada durante

a vida” (MACEDO, 2014, p. 79). Sendo assim, de acordo com o autor, os adeptos das religiões afro-brasileiras depois que morrem vão direto para o diabo.

Segundo o autor, “os melhores médicos do Rio de Janeiro já chegaram à conclusão de a macumbaria é a maior fábrica de loucos que existe” (MACEDO, 2014, p. 80). Importante destacar que ele nunca usa nenhum dado ou qualquer outro livro além da Bíblia para fundamentar os seus argumentos ou suas afirmações, que muitas vezes são descontextualizadas e inverossímeis. Macedo também utiliza o termo “macumbaria” de maneira pejorativa para designar as religiões afro-brasileiras e diz que infelizmente existe quem apoie “à patifaria e a imundície que está por trás disso” (MACEDO, 2014, p. 80). De acordo com ele, pessoas posses por demônios cometem suicídio depois de passar por neurologistas, psiquiatras, hospícios e não conseguir uma solução. A única solução, no seu pensamento, está em aceitar Jesus como único Salvador. Não existe outra possibilidade de se libertar. “(...) Essa religião, tão popular no Brasil, é uma fábrica de loucos e uma agência onde se tira o passaporte para a morte e uma viagem para o inferno” (MACEDO, 2014, p. 99).

Como vimos, por várias vezes, o autor associa doenças mentais aos adeptos das religiões afro-brasileiras:

Conheço uma senhora que ficou louca após ter-se envolvido com os exus, caboclos e outros “guias”. Chegou a “fazer a cabeça” duas vezes, na esperança de melhorar a sua situação. Veja bem, amigo leitor; muitas vezes a pessoa se entrega de corpo e alma nas mãos dos exus e eles a usam de tal maneira que acabam deixando-a fora do seu juízo normal (MACEDO, 2014, p. 130).

E ele diz que a loucura da senhora que ele conhece resultou do seu envolvimento com exus, caboclos e outros guias. A senhora, conta ele, chegou a “fazer a cabeça”¹⁰ duas vezes na esperança de melhorar, mas não obteve sucesso. “Fazer a cabeça”, para Macedo, é submeter-se ou entregar-se as forças do mal (MACEDO, 2014, p. 137). Mas a feitura¹¹ consiste na preparação ritual para se tornar sacerdote ou sacerdotisa de uma divindade.

¹⁰ De acordo com Olga Cacciatore, fazer a cabeça consiste na “preparação ritual para servir de suporte ao orixá, para ser sacerdote ou sacerdotisa de divindade. Também ‘obrigação de cabeça’ consta de várias fases, entre as quais um rigoroso aprendizado de tudo que se refere às crenças e rituais de uma nação: cantos, danças, toques de atabaques, preparos dos alimentos votivos, jogo de búzios, matança de animais, colheita e preparo das ervas sagradas, aprendizado da língua da nação (...)” CACCIATORE, Olga Gudolle, **O Dicionário de cultos Afro-Brasileiros com origem das palavras**. Forense Universitário, SGEN- Rio de Janeiro, 1977, 128.

¹¹ Somente quem passa pela feitura no santo, salvo casos muito excepcionais, pode receber um orixá. No caso do candomblé nagô/iorubá, a pessoa iniciada receberá sempre o seu orixá protetor, ou seja, o deus a que ela foi consagrada. Se foi consagrada a Iemanjá, receberá Iemanjá, se foi consagrada a Xangô, receberá Xangô e assim por diante. O santo, dono da cabeça da iniciada, é confirmado por meio da adivinhação, para não deixar nenhuma dúvida quanto a sua identidade. Depois de passarem pela reclusão e todos os rituais

Segundo Conssard “o primeiro objetivo da feitura” (CONSSARD, 2008, p. 170) é permitir que o orixá retorne ao mundo humano, o que é facilitado pela iniciação, que permitirá a pessoa, escolhida pelo deus, a entrar em transe em momentos determinados e específicos. Quando a divindade volta à terra, ela contará, por meio de suas danças e mímicas, as suas histórias conhecidas. Ainda de acordo com essa autora, outro objetivo da feitura é que os orixás possam transmitir as suas mensagens aos homens (CONSSARD, 2008, p. 171).

No entanto, para Macedo as religiões afro-brasileiras são os principais canais de atuação dos demônios. Ele diz que

(...) quando temos problemas, Satanás se apresenta imediatamente e, supostamente, coloca-se a nossa disposição para resolvê-los. É aí que entra a Umbanda, a Quinbanda, o Candomblé e as religiões e práticas espíritas de um modo geral, que são os principais canais de atuação dos demônios, principalmente em nossa pátria (MACEDO, 2014, p. 135).

Deste modo, no caso do Brasil, as religiões mencionadas são as causadoras dos principais problemas existentes, de acordo com o autor. Ele associa tudo de negativo a essas crenças para convencer os leitores do quanto elas são nocivas. Sobre rituais e cerimoniais desses cultos ele diz que “tais obrigações têm as mais diversas finalidades: matar, destruir casamentos, prejudicar a vida financeira etc. Empregos, encontros amorosos, morte de inimigos e coisas desse tipo são conseguidos em consultas com exus e ‘pretos-velhos’” (MACEDO, 2014, p. 137). Mais a diante ele diz que existem muitas receitas e rezas para conseguir “graças” e questiona: “pode, por acaso, uma seita que determina tais práticas ser considerada religião?” (MACEDO, 2014, p. 141).

No capítulo 14, intitulado “Macumba pega?”, o autor defende que “todas as pessoas que rejeitam a graça salvadora do Senhor Jesus Cristo são presas fáceis dos trabalhos de macumbaria” (MACEDO, 2014, p. 146). Ele conta que as trevas só podem atingir aqueles que nelas estão, assim, quem não está na luz de Jesus Cristo estará exposto às ações dos demônios. Isso significa que, de acordo com sua construção, as pessoas que

característicos da iniciação. As filhas se dividem em categorias que levam em conta apenas o tempo de iniciação, elemento que rege a hierarquia na religião.

não estão com Cristo Jesus estão suscetíveis as ações “diabólicas” das religiões de origem afro-brasileiras.

Ele alerta que entre as pessoas que procuram os terreiros para fechar o corpo, ou seja, pedir proteção contra os males, estão na sua “maioria criminosos, contraventores, prostitutas, homossexuais, etc” (MACEDO, 2014, p. 148). Mas ele diz que, na verdade, essas pessoas precisam abrir o seu corpo e a sua mente para Jesus.

Na sequência o autor diz que somente Jesus salva e liberta os oprimidos pelo diabo e seus anjos. “Nas nossas reuniões milhares de pessoas têm-se libertado dos exus, caboclos, orixás, erês e outros demônios” (MACEDO, 2014, p. 159). Ele sustenta que as pessoas que:

Frequentaram terreiros; tomaram passes; fizeram obrigações ou foram vítimas de algum trabalho; chegaram à igreja carregadas de demônios e ao receberem a oração da fé, com sinceridade diante de Deus, os demônios que estavam em seus corpos não resistiram e foram forçados a se revelar, para ser expulsos.

Há pessoas que fazem pacto com o diabo. Oferecem manjares às entidades nas encruzilhadas, cemitérios, matas, pedreiras, cachoeiras; acendem velas para as almas; vivem se orientando por horóscopos; consultam búzios; se relacionam com os orixás, os exus e os guias mais diversos, entretanto ao chegarem em nossas igrejas, são completamente libertadas daqueles espíritos opressores (MACEDO, 2014, p. 160).

Macedo prossegue na sua visão distorcida, limitada, preconceituosa e racista das religiões afro-brasileiras. Ele diz que não existe exu, orixá, caboclo ou “qualquer outra força do inferno que possa resistir ao nome de Jesus Cristo” (MACEDO, 2014, p. 167-169).

No capítulo 18, intitulado “Dez passos para a libertação”, ele ensina o que uma pessoa precisa fazer para se libertar do poder do diabo. Ele diz que com esses passos tem conseguido a libertação de pais de santo, mães de santo, ogãs e todos os tipos de sacerdotes envolvidos com a Umbanda, Quimbanda, Candomblé e todas as suas ramificações.

Os dez passos para a libertação, de acordo com Edir Macedo, consistem no seguinte:

1º Passo: Aceitar de fato o Senhor Jesus como único Salvador

2º Passo: Participar das reuniões de libertação

3º Passo: Ser batizado

4º Passo: Buscar o batismo com o Espírito Santo

5º Passo: Andar em santidade

6º Passo: Ler a Bíblia diariamente

7º Passo: Evitar as más companhias

8º Passo: Frequentar reuniões de membros

9º Passo: Ser fiel nos dízimos e nas ofertas

10º Passo: Orar sem cessar, e vigiar.

Dos dez passos ensinados pelo Bispo destacaremos o sétimo. Macedo diz que a pessoa liberta deve “evitar as más companhias” (MACEDO, 2014, p. 178). Os convertidos devem, de acordo com os seus ensinamentos se desligar completamente das companhias que não professam a mesma fé. Sendo assim, os que se tornam evangélicos devem se afastar dos que não têm o mesmo credo. O Bispo diz, “procure amizade com pessoas que tenham a mesma fé, e evite a todo custo conversas, discussões ou contatos que possam colocar em jogo a sua libertação (MACEDO, 2014, p. 178). Ele diz para evitar a todo custo contatos que possam colocar em jogo a sua salvação. Ele ensina, deliberadamente, que as pessoas se afastem, que não estabeleçam contato com os adeptos das religiões afro-brasileiras.

Esse fato é preocupante, pois ele incentiva a segregação de pessoas que não professam a mesma fé. Isso reforça o preconceito, a intolerância e coloca em risco a convivência harmônica entre distintas pessoas que compõe a sociedade brasileira. Ele aconselha: afaste-se de todas as companhias que podem lhe influenciar negativamente, mesmo que sejam parentes bem próximos, e nunca despreze uma oportunidade para testemunhar sobre Cristo para aqueles que, como vocês, participam das mesmas coisas” (MACEDO, 2014, p. 183).

Macedo recomenda que o recém convertido elimine da sua vida tudo que possa lembrá-lo as práticas religiosas que tinha no candomblé, Umbanda, Quimbanda, etc. Ele

diz que é preciso se livrar de todos os objetos, aconselha queimar, mesmo os valiosos. Essas pessoas também devem “adquirir bons hábitos”, que consistem em: “Leitura da Bíblia; oração; jejum; participação das atividades da Igreja; boas companhias; conversas sadias e a preocupação de melhorar cada vez mais na vida espiritual são bons hábitos cristãos que devem ser adquiridos por todo ex-macumbeiro convertido” (MACEDO, 2014, p. 187).

4. CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, vimos que o preconceito religioso, disseminado e incentivado por Edir Macedo, contra as religiões afro-brasileiras se dá, principalmente, pela demonização da fé do outro. Ele afirma que a religião cristã é a única verdadeira e capaz de salvar as pessoas, os outros credos são associados aos demônios, principalmente se forem de origem africana, pois, como vimos, ele alega que de lá que vieram os demônios que se passam por deuses e são os principais causadores dos males no Brasil.

O livro cristão de Edir Macedo amplia e teoriza a figura demoníaca que é o grande protagonista. A exemplo da Igreja Católica nos seus primórdios, Macedo utiliza como recurso a manutenção do medo humano às ameaças das trevas. Isso garante fiéis tementes e disciplinados, além de afastá-los das outras crenças que são associadas ao mal. De acordo com Ari Pedro Oro:

A demonologia *iurdiana* resulta da realização de dois movimentos. De um lado, a recuperação e aceitação das representações e concepções acerca das forças maléficas que acompanham a própria história do cristianismo, e, de outro lado, a identificação das forças do mal sobretudo nas entidades espirituais que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras. Neste sentido, em certo sentido inova, a partir de um sistema de crenças pré-existente (ORO, 2005, p. 136).

A representação da figura do diabo, que ocorreu, concomitantemente, nas tradições hebraicas e cristãs fez com que esse ente se tornasse uma das figuras centrais do imaginário cristão. Por isso, grande parte do livro analisado se dedica ao demônio. Vimos que é o diabo que causa os conflitos, doenças, alcoolismo, leva aos crimes, e, em contrapartida, Jesus liberta do vício e do pecado, dá saúde, prosperidade. Ao associar o panteão das religiões afro-brasileiras ao diabo, Macedo, está negando a divindade desses deuses e a responsabilidade humana em relação aos problemas sociais existentes.

Importante destacar que embora este trabalho tenha se dedicado a analisar o discurso do bispo Edir Macedo veiculado especificamente no livro “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*”, o posicionamento doutrinário contido na obra não é restrito à IURD, mas faz parte das disposições doutrinárias do pentecostalismo e neopentecostalismo brasileiros, com peculiaridades em cada denominação.

A IURD, sob a liderança de Macedo, além de assumir a representação comum, no cristianismo, sobre o poder do diabo, exacerba uma concepção já presente nas igrejas católicas e evangélicas pentecostais, pois, nestas igrejas, a identificação das entidades das religiões mediúnicas, sobretudo as afro-brasileiras, com o demônio acontecia de maneira mais branda.

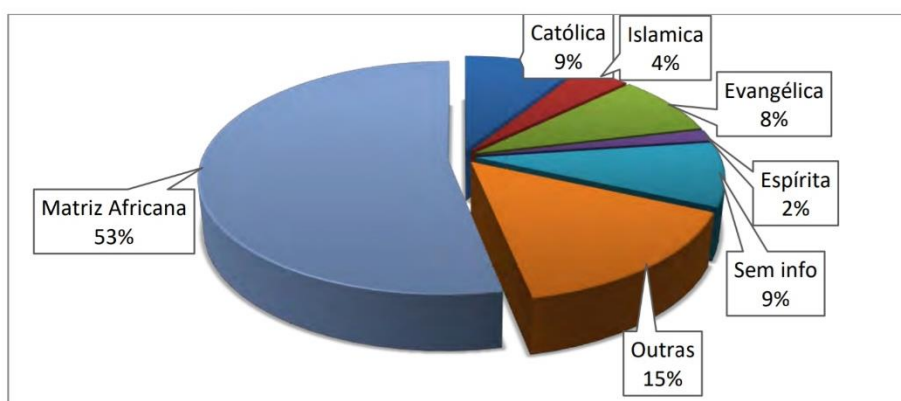
Esses “demônios” identificados pela IURD são os causadores do mal e, por esse motivo, devem ser combatidos incessantemente como vimos no decorrer do trabalho. Isso impulsiona uma verdadeira “guerra santa”, onde “os verdadeiros cristãos” devem estar preparados para guerrear contra os demônios, que já sabemos quem são, pela lógica apresentada no decorrer do trabalho. Esse “combate” ou “guerra” contra o “mal” é um dos principais pilares da Igreja Universal do Reino de Deus. Que está ligado ao proselitismo.

Vimos que o discurso de intolerância religiosa do bispo Edir Macedo é alicerçado em ideias racistas. No livro ele dissemina o ódio e vai contra o direito à convivência harmônica e fraterna na medida em que promove a humilhação, cria ressentimentos e ofende, não somente os adeptos das religiões afro-brasileiras, mas todo cidadão comprometido na luta contra o preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Discursos de intolerância religiosa como o de Edir Macedo são nocivos e causam diversas vítimas de violências física e simbólica. De acordo com os dados apresentados pelo *Relatório Sobre Intolerância Religiosa no Brasil (2011 - 2015): dados preliminares*¹², os adeptos das religiões afro-brasileiras são os que mais sofrem com as agressões.

¹² ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil (Orgs). **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares**. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.

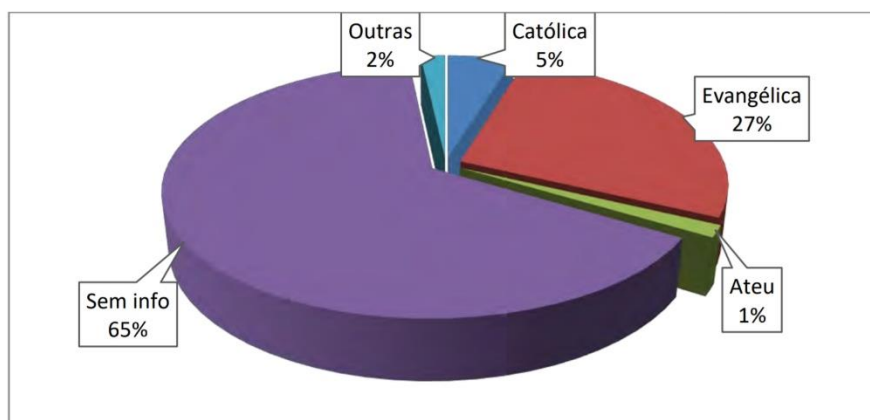
Gráfico 2 – Religião das Vítimas nas reportagens



Fonte: RIVIR, n=409

Sendo assim, de acordo com os dados apresentados acima, 53% das vítimas de violências motivadas por intolerância religiosa noticiadas em reportagens são adeptos de crenças de matriz africana. 9% dos casos não tem a informação sobre a religião da vítima que sofreu a violência (ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil, 2016, p. 55.).

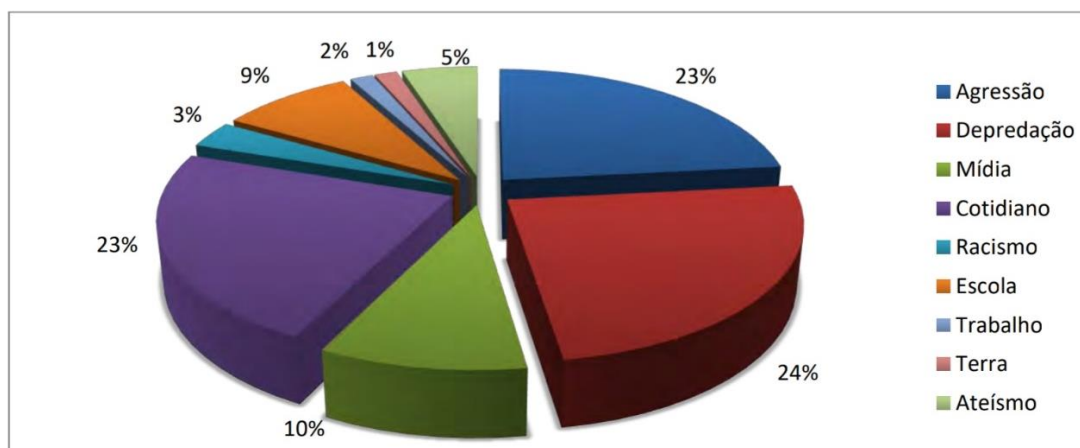
Gráfico 3 – Religião dos Agressores nas Reportagens



Fonte: RIVIR, n=409

O gráfico acima mostra que 65% dos casos de agressão noticiados em reportagens não informam a religião do agressor. 27% dos agressores, nos casos noticiados em reportagens são evangélicos e 5% são católicos (ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil, 2016, p. 55). Esses dados evidenciam como discursos de intolerância amparados em discursos racistas que demonizam as religiões afro-brasileiras são danosos.

Gráfico 4 – Notícias agrupadas por temas



Fonte: RIVIR, n = 409

Dos casos noticiados, 24% são sobre depredação ao patrimônio ou objetos sagrados. 23% das reportagens noticiam agressão e 23% estão agrupadas no tema cotidiano evidenciando que os ataques acontecem nos diferentes espaços (ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil, 2016, p. 37).

Temas das matérias com mais repetições nos veículos (ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil, 2016, p. 37.)

Tema	Matérias
“Menina é atingida por pedrada na cabeça ao sair de culto de candomblé”(2015)	44
“Para juiz, candomblé e umbanda não são religiões” (2014)	22
“Justiça obriga igreja evangélica a indenizar terreiro após morte de ialorixá em Camaçari” (2015)	10
“Terreiro de candomblé é incendiado no Distrito Federal” (2015)	10
“Briga religiosa entre Henri Castelli e a ex vai parar na delegacia” (2015)	9

Sendo assim, ficou evidente que discursos como os difundidos no livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* são malévolos, difundem o ódio, segregam, desrespeitam, sobretudo os adeptos das religiões afro-brasileiras, que como vimos nos dados apresentados sofrem violências físicas e simbólicas.

REFERÊNCIAS

ADAD, Clara Jane; FONSECA, Alexandre Brasil (Orgs). **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares**. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.

ARAÚJO, M; CUNHA, C (org). **Religião e conflito**. Curitiba, Editora Prismas, 2016.

AVELAR, Alexandre de Sá. **Escrita da História, escrita Biográfica: Das possibilidades de sentido**. In: AVELAR, Alexandre de Sá, SCHMIDT Benito Bisso (Org). *Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 63-80.

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e de viver do candomblé**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Pallas, 2005.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1961.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 181-191.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad: Vera Maria Xavier dos Santos, revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho, SP. EDUSC, 2004.

BRASIL. Ministério Público Federal. Poder Judiciário Tribunal Federal da 1ª Região. **Agravo de instrumento nº 2005.01.00.069605-8/BA**. 6ª Turma. Juiz Federal Leão Aparecido Alves. Brasília, DF. 25. setembro de 2006.

BRASIL. Ministério Público Federal. Poder Judiciário Tribunal Federal da 1ª Região. **Agravo de instrumento nº 2005.01.00.069605-8/BA**. 6ª Turma. Juiz Federal Souza Prudente. Brasília, DF. 25. setembro de 2006.

BRASIL Código penal – Decreto **Lei número 2.848 de 07 de dezembro de 1940**. Acessado em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10612290/artigo-208-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>, 09 de abril de 2019.

BRASIL, Artigo 20 da Lei do Crime Racial - **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Retirado do site: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11797094/artigo-20-da-lei-n-7716-de-05-de-janeiro-de-1989?ref=serp-featured>, acessado dia 06 de abril de 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 12 de abril de 2019.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10101-lei-11645-10-03-2008&Itemid=30192, acessado em 12 de abril de 2019.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais: a longa duração**. SP: Perspectiva, 1978.

CACCIATORE, Olga Gudolle, **O Dicionário de cultos Afro-Brasileiros com origem das palavras**. Forense Universitário, SGENC- Rio de Janeiro, 1977.

CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé: Tradição e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/ Pallas. 2009.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estudos Avançados 11(5) 1991.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awó: o mistério dos orixás**. 2º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

CUNHA, Christina Vital da. **Oração de traficante: uma etnografia**. – 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danielle. **O peregrino e o convertido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Os Obás de Xangô**. Afro-Ásia, nºs 2-3. Salvador-Bahia. junho-dezembro de 1966.

LIMA, Vivaldo da Costa. **O candomblé da Bahia na década de 1930**. Estudos Avançados. 18 (52). 2004.

MACEDO, Bispo. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 18ª ed. Rio de Janeiro: Unipro Editora & Gráfica, 2014.

MARIZ, Cecília L. e Machado, Maria das Dores C. 1998. **Mudanças Recentes no Campo Religioso Brasileiro**. Antropolítica, n5, pp. 21-43.

MENESES, Jonatas Silva. **Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas**. Os desafios da contemporaneidade ao Cristianismo. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, número 20, 2017.

MONTERO, Paula. **Religião e esfera pública no Brasil**. In: Novos estudos CEBRAP, março, 2006.

MORAES, Gerson Leite. **Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro**. Revista de Estudos da Religião, junho, 2010

ORO, Ari Pedro e Steil. C. A. **Globalização e religião**. Petrópolis, Vozes, 1997.

ORO, Ari Pedro. **A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 6, número 7, jan./jun. 2005.

PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia: estudos de contrato social**. 2 ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, C e Vásquez, M. **A diáspora das religiões brasileiras**. São Paulo, Ideias e Letras, 2016.

SABINO, J.; LODY, R. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SEREJO, Jorge Alberto Mendes; SILVA, Artenira da Silva. **A intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras e os impactos jurídicos do caso “Edir Macedo”**. Cardemos do Programa de Pós-graduação de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, volume 12, número 1, 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda caminhos da devoção brasileira**. São Paulo -SP, editora Ática S.A, 1994.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.**
Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. 6º edição. Salvador: Corrupio, 2002.